

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SÃO PAULO

YASMINE STHÉFANE LOURO DA SILVA

**ENVELHECIMENTO E RESISTÊNCIA EM *DEMENTIA 21* (2020), DE SHINTARO
KAGO, SOB A PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA**

HORTOLÂNDIA

2025

YASMINE STHÉFANE LOURO DA SILVA

**ENVELHECIMENTO E RESISTÊNCIA EM *DEMENTIA 21* (2020), DE SHINTARO
KAGO, SOB A PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do diploma de Especialista em
Ensino de Língua e Literatura do Instituto
Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia, Câmpus Hortolândia.

Professora Orientadora: Profa. Dra. Julia
Frascarelli Lucca.

Hortolândia

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca IFSP – Campus Hortolândia
Saulo Campos Oliveira
CRB8/8020

Silva, Yasmine Sthéfane Louro da.

Envelhecimento e Resistência em Dementia 21 (2020), de Shintaro Kago, sob a perspectiva da semiótica greimasiana / Yasmine Sthéfane Louro da Silva. – 2025.

69 f. il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, Hortolândia, SP, 2025 .

Orientador(a): Julia Frascarelli Lucca.

1. Semiótica. 2. Realismo capitalista. 3. Envelhecimento. 4. Mangá. 5. Dementia 21. I. Orientador(a) Julia Frascarelli Lucca. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. III. Título.

Yasmine Sthéfane Louro da Silva

**ENVELHECIMENTO E RESISTÊNCIA EM *DEMENTIA 21* (2020), DE SHINTARO
KAGO, SOB A PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do diploma do Curso de
Especialização em Língua e Literatura do
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de São Paulo, Câmpus
Hortolândia.

Professora Orientadora: Profa. Dra. Julia
Frascarelli Lucca.

Aprovado pela banca examinadora em 08 de abril de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Julia Frascarelli Lucca

Prof. Dr. Gabriel Leopoldino dos Santos

Profa. Dra. Stefanie Fernanda Pistoni Della Rosa

Dedico aos meus pais e ao seu envelhecimento, afinal, o indivíduo bicentenário não é apenas um desejo, como um anseio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Pai de todas as criaturas, e ao senhor Jesus Cristo, governador do planeta Terra, assim como todos os guias espirituais e espíritos benfeitores que seguiram comigo ao longo de toda a minha vida, que me conduziram até as escolhas certas. Foram estes seres de luz que me conduziram até os momentos decisivos que se concretizaram na realização dos meus sonhos. O Senhor é o meu pastor e nada me faltará.

Agradeço à minha família, que sempre acreditou em mim. Não importa o quanto louca seja a ideia. Não importa se parece difícil. Não importa se vai me exaurir. Minha família é o meu bastião e a minha força. Sem eles, eu nada seria. Por isso, o meu nome está como autora dessa monografia de especialização apenas de forma simbólica, pois eles são também autores honorários dessa obra. Ao meu pai, Sebastião Alves da Silva, eu deixo o meu agradecimento mais profundo.

À minha linda mãe, Julita Glayceane de Menezes Louro, eu agradeço muito mais. Por cada palavra de confiança. Por cada oportunidade de ser ouvida. Pela crença absoluta no meu potencial. Eu amo muito a senhora, mamãe. Para a senhora são todas as palavras da minha pena. Pela senhora, a resolução de todos os conflitos. Pela senhora, nunca parar de sonhar por um futuro maravilhoso.

Por fim, agradeço aos meus maravilhosos professores que me acompanharam nessa jornada árdua. O meu mais sincero “obrigada”, principalmente, à Profa. Dra. Davina Marques, que foi um respiro de doçura e gentileza em um ambiente naturalmente competitivo; à Profa. Dra. Julia Frascarelli Lucca, a minha querida orientadora, pela responsabilidade com a ciência e por se comprometer a oferecer a experiência didática mais completa possível. Além de ser uma pessoa maravilhosa e meiga sempre. Obrigada por acreditar na minha pesquisa! Foi um voto de confiança que nunca esquecerei.

Agradeço, também, à Profa. Dra. Stefanie Fernanda Pistoni Della Rosa e ao Prof. Dr. Gabriel Leopoldino dos Santos, pelos conhecimentos que nunca esquecerei e por compor a banca de defesa da presente monografia. De antemão, já tenho certeza sobre a leitura responsável e séria que farão. Um obrigado especial à Prof. Stefanie, por me acompanhar no início da jornada que deu origem a um trabalho tão especial, que representa tanto para mim enquanto ser humano, mulher e pesquisadora.

*"The current system leads to profit
seeking deeds*

Leave behind the traces of our blood

*Now the course for change is up to
us".*

Resign to Surrender (A New Age Dawns) - Epica

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar as representações do etarismo característico do mundo pós-moderno na obra *Dementia 21* (2020), de Shintaro Kago. Como metodologia, utilizou-se a Teoria Semiótica, conforme Greimas (1982), privilegiando a análise do nível discursivo no Percurso Gerativo de Sentido. Como fundamentação teórica, norteamos os debates sobre representação e envelhecimento a partir dos estudos de Lima (2016) e Minó e Mello (2021); acerca do Realismo Capitalista e da luta de classes, recorremos a Marx (2017[1867]) e Fisher (2020). Como resultados, obtivemos que a obra selecionada para análise direciona a sua crítica para duas circunstâncias: a primeira, sobre a aceleração do envelhecimento em sociedades tecnológicas pós-modernas e a consequente falta de mão-de-obra qualificada, ainda que barata, para se responsabilizar por esses sujeitos marginalizados e “descartáveis”; e a segunda, o mercado de trabalho altamente competitivo para uma geração jovem hiperpreparada, mas que é vítima de tradições desleais mantidas pelas gerações anteriores, sendo assim obrigados a se sujeitarem a condições insalubres em empregos mal remunerados, quando muitas vezes estão preparados para além da exigência da vaga. Como considerações finais, apontamos que a terceirização dos cuidados dos familiares idosos é um sintoma do declínio de uma das mais antigas tradições humanas. O capitalismo conseguiu, por fim, se infiltrar no tênue tecido familiar e romper romper a responsabilidade entre jovens e mais velhos, transformando a última das relações humanas em mera mercadoria.

Palavras-chave: Semiótica. Realismo Capitalista. Envelhecimento. *Dementia 21*.

ABSTRACT

This research aims to analyze age representations characteristic of postmodernism western world world in *Dementia 21* (2020), by Shintaro Kago. As methodological procedures, this research follows the Studies of Semiotic Theory by Greimas (1982), focusing on the discursive analysis, upon the Generative Signification Course. As the literature review, it leads the debates through the representation of population ageing in Lima (2016) and Minó e Mello (2021) studies; about Capitalism realism and class dynamics, theories discussed by Marx (2017[1867]) and Fisher (2020). Results indicate that the selected manga discourse driven its critics for two specific circumstances: the first one, about the ageing acceleration in post-modernist technological societies and the consequent the lack of both qualified and cheap workforce to take care of those marginalized individuals; and the second one, the highly competitive job market for a hyper-prepared youngest generation, is the victim of disloyal traditions and are obligated to accept any job, notwithstanding how underpaid or dangerous it is, when the reality shows how, most of times, this specific livewire are superprepared for the job application. In conclusion, the outsourcing of care for familiar old people is a symptom of human society's declining. This shows the decline of one of the most ancient human traditions. Ultimately, Capitalism has successfully permeated the delicate fabric of the human family undermining the traditional responsibilities of younger generations toward their elders, and reducing this relationship to a product.

Keywords: Semiotics. Capitalism realism. Ageing. *Dementia 21*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mickey sofrendo um ataque cardíaco em <i>Rocky III</i> (1982).	37
Figura 2 - Brooks Hatlen fora das grades em <i>The Shawshank Redemption</i> (1994)	38
Figura 3 - Os avós de Charlie em <i>A fantástica fábrica de chocolate</i> (2005)	40
Figura 4 - Kago (2020) utiliza o <i>body horror</i> como um recurso discursivo em <i>Dementia 21</i> .	45
Figura 5 - A vingativa rival de Yukie Sakai em <i>Dementia 21</i> (2020)	45
Figura 6 - Os idosos são representados em <i>Dementia 21</i> (2020) como criaturas monstruosas, antinaturais.	46
Figura 7. Capa do capítulo 2 do volume 1 de <i>Dementia 21</i> (2020)	48
Figura 8. Capa do capítulo 3 do volume 1 de <i>Dementia 21</i> (2020)	49
Quadro 1 - Relação de oposição em <i>Dementia 21</i> (2020)	53
Quadro 2 - Relações de contradição em <i>Dementia 21</i> (2020)	54
Quadro 3 - Quadrado Semiótico de <i>Dementia 21</i> (2020)	55
Figura 9 - A pesquisa de satisfação e o ranking entre cuidadoras	58
Figura 10 - A negociação entre Eiko e Yukie	61
Figura 11 - Yukie se fragmenta para cuidar de idosos	62
Figura 12 - Idosos se multiplicam	63
Figura 13 - Yukie confronta homem que tenta descartar idosa	64

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	METODOLOGIA.....	17
3	REALISMO CAPITALISTA: CONTROLE DO IMAGINÁRIO ESTABELE- CIDO PELA CULTURA DO CONSUMO.....	21
4	O ENVELHECIMENTO NA PÓS-MODERNIDADE: DEFINIÇÕES E CON- CEITOS DE RELAÇÕES INTERGERACIONAIS.....	25
4.1	<i>Breve contextualização do aumento das taxas de envelhecimento na sociedade pós-moderna: o desafio da longevidade no capitalismo tardio.....</i>	30
4.2	<i>Representações de envelhecimento nas sociedades tecnológicas pós-modernas: uma breve revisão simbólica e imagética.....</i>	35
5	O BODY HORROR NOS MANGÁS COMO UM RECURSO DISCURSIVO	42
5.1	<i>Subjetividade fragmentada: o diálogo entre simbologia e representa- ção nas capas dos capítulos de Dementia 21 (2020).....</i>	47
6	ENVELHECIMENTO E A PROTEÇÃO AO IDOSO EM <i>DEMENTIA 21</i> (2020), DE SHINTARO KAGO: O BODY HORROR COMO DENÚNCIA	51
6.1	<i>Análises fundamentais.....</i>	51
6.2	<i>Análises narrativas.....</i>	56
6.3	<i>Análises discursivas.....</i>	57
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
	REFERÊNCIAS.....	68

1 INTRODUÇÃO

O mundo pós-moderno trata com descaso os seus idosos. Em uma sociedade baseada quase que exclusivamente em inúmeros mecanismos para se evitar o envelhecimento, sejam filtros de redes sociais, sejam procedimentos estéticos, ser “velho” não é mais uma posição de valor e respeito em nome da experiência. Pelo contrário, ser “velho” atualmente é considerado sinônimo de signos como “fracasso”, “feiura” e “autodepreciação”. Em uma sociedade na qual se deseja viver para sempre, mas sem as consequências do envelhecimento, para quem fica a responsabilidade de cuidar dos idosos que, racionalmente, todos nos tornaremos?

Esse é o mote de *Dementia 21* (2020), de Shintaro Kago, em que os idosos passam a ser responsabilidade de uma empresa de cuidados específicos para essa população abandonada, a Green Net. Mesmo que as cuidadoras sejam remuneradas pela família do idoso, essa empresa centraliza os seus serviços em um grande “cardápio” que melhor atenda às necessidades dos clientes. Uma das questões que gera atritos entre as funcionárias é a “pesquisa de satisfação” realizada logo após a conclusão dos serviços. Tal “pesquisa de satisfação” é fundamental para determinar se a cuidadora realizou as suas obrigações à altura. Para merecer uma pontuação alta, a cuidadora deve se desdobrar para satisfazer os seus clientes em suas exigências mais particulares e exóticas, como será explorado ao longo da pesquisa.

O mangá explora diversas discussões pertinentes à subjetividade suscetível do trabalhador jovem nas sociedades tecnológicas pós-modernas supercompetitivas por meio de sua protagonista, Yukie Sakai, uma cuidadora “hipergabaritada” que trabalha para uma empresa que treina e disponibiliza essas mulheres jovens para se dedicarem a cuidar de idosos cujas famílias não fazem mais questão de dar suporte emocional e físico, dos quais precisam. Por meio dessas relações entre cuidadora e idoso, se desenvolvem situações absurdas, que refletem as críticas do mangaká às políticas adotadas para prejudicar o trabalhador no Japão, e ao redor do mundo, como destacaremos por meio da fundamentação teórica adotada.

Essa perspectiva de cuidado dos idosos ficar a cargo de uma empresa terceirizada é uma representação do que Mark Fisher (2020) veio a definir como *Realismo Capitalista*. Em uma definição simplificada, seria a perspectiva de ser mais fácil o “mundo acabar do que o capitalismo deixar de existir” (Fisher, 2020, p. 5-6). O Realismo Capitalista, então, é o que transforma a tradição do abandono de idosos em

asilos em uma nova abordagem: ao invés de “abandoná-los” em lugares inóspitos e passíveis de uma grave acusação moral, os familiares transferem a responsabilidade pelo cuidado do parente incapacitado para uma cuidadora avaliada em um *ranking* altamente competitivo. Nessa distopia tecnológica, onde se observa claramente a definição de Fisher (2020), para compor um mundo cheio de desigualdades, mas determinantemente controlado pelo capital, observa-se espantosa similaridade com o Japão fascista observado em *Dementia 21* (2020), de Shintaro Kago. Não apenas com esse país em específico, contudo, quando as condições de subsistência para um idoso se assemelha bastante entre os países como o Japão, Estados Unidos e Brasil.

Por isso, o objetivo da presente pesquisa é analisar as representações do etarismo característico do mundo pós-moderno na obra *Dementia 21* (2020), de Shintaro Kago. Decidimos por utilizar o “etarismo” como escopo por ser uma temática multifacetada em sua problemática atualmente, em decorrência do crescente aumento das taxas de envelhecimento ao redor do mundo e os subsequentes desdobramentos socioculturais resultantes de tal aumento. Como objetivos específicos, pretendemos contextualizar o desequilíbrio entre as taxas de natalidade e envelhecimento nas sociedades tecnológicas pós-modernas ocidentais, como Japão e Brasil; discutir brevemente os desdobramentos do envelhecimento na pós-modernidade e suas representações subsequentes e mais comuns; relacionar o *body horror* enquanto tropo¹ comum no mangá, gênero investigado na presente pesquisa; investigar como *Dementia 21* (2020), de Shintaro Kago, discute o etarismo característico da sociedade pós-moderna; e apontar como a personagem de Yukie Sakai, a protagonista de *Dementia 21* (2020), simboliza a resistência que se deve adotar frente às medidas reacionárias e exclusivas adotadas por qualquer Estado fascista, como o Japão distópico ficcional da obra.

Em *Dementia 21* (2020), é estabelecido que Yukie Sakai é uma das cuidadoras mais proativas da empresa e que, para ela, não é um esforço conquistar a boa avaliação dos seus clientes. Aos familiares, sobram apenas as reclamações para com essas funcionárias, que parecem nunca corresponder às exigências dos seus patrões.

¹ **Tropo** (do original em inglês, *trope*), é uma palavra ou expressão em sentido figurado, usada para descrever um tema ou dispositivo recorrente utilizado em narrativas, como “clichês”. São considerados tropos literários comuns do romance *chick-lit*, por exemplo, *enemies to lovers* (amigos para amantes), *forbidden love* (amor proibido), *age gap* (diferença de idade), entre outros. Pode ser considerado um tropo qualquer categorização temática dentro de um gênero ou subgênero. | **TROPE, Definition e Meaning.** Merriam Webster Dictionary. Disponível em: < <https://www.merriam-webster.com/dictionary/trope> >. Acesso em: 15 fev. 25

Temos aqui duas classes marginalizadas: a dos idosos, que passam a ser vistos como indivíduos inúteis em uma sociedade hiperprodutiva; e a das cuidadoras, que são subalternizadas por cuidarem de tais indivíduos inúteis.

Como um desses “desdobramentos”, exploraremos como o Capitalismo, paulatinamente, responsabiliza as gerações mais jovens, como a Geração Z (1995-2012) e, futuramente, a Geração Alpha² (2013-), dos cuidados das gerações mais velhas sem filhos, a partir da análise da relação intergeracional promovida por Yukie em seus cuidados para com os idosos atendidos em *Dementia 21* (2020), de Shintaro Kago. Esses cuidados, em vista da conjuntura capitalista da organização econômica mundial, serão obtidos por meio de pagamentos altos e serão realizados por uma classe trabalhista mal remunerada e hiperexplorada, como as dos cuidadores e enfermeiros terceirizados. Como pode ser observado, algo nesse cálculo não bate. A desigualdade presente na remuneração da mão-de-obra explorada é um desdobramento comum no capitalismo tardio³, que redireciona todo o lucro para uma parcela já privilegiada da população, enquanto aqueles que são pobres continuam pobres. Como metodologia, portanto, nortearemos a análise pela Teoria Semiótica, conforme Greimas (1982), para designar o funcionamento enunciativo da obra. A partir do procedimento metodológico, investigaremos como os idosos de *Dementia 21* (2020) resistem a uma representação estereotipada de envelhecimento, assim como Yukie Sakai se dedica ao máximo para resistir às manipulações do sistema que tenta, continuamente, exterminar essa classe de pessoas consideradas “descartáveis”, caracterizado pela performance de alta-produtividade e gerenciamento contínuo de crise adotada por Sakai ao longo da narrativa.

É fundamental esclarecer que a pesquisa se desenvolve a partir da perspectiva dialética da crítica marxista alicerçada sob os pressupostos de Marx (2017[1867]) sobre as tensões inerentes ao mundo do trabalho, definidas como *luta de classes* e representada aqui por meio da problematização das relações de trabalho presentes em *Dementia 21* (2020), de Shintaro Kago. De forma a complementar a teoria marxista originalmente proposta por Marx (2017[1867]), utilizamos o texto de Fisher (2020),

² A presente geração (nascidos em 2013-atual) não será privilegiada no presente artigo, mas é de interesse investigativo para um trabalho posterior, que continue da chave investigativa em que este foi concluído.

³ Termo utilizado para se referir a uma fase específica do desenvolvimento capitalista, caracterizado por um crescimento econômico desequilibrado e por uma crise na produção do capital. Como características, o capitalismo tardio apresenta um crescimento desequilibrado das forças produtivas, um aumento do consumo de massa e a globalização dos mercados e do trabalho.

Realismo Capitalista, para aprofundá-la no que trata dos mecanismos constitutivos do que Bucci (2021) determinou como *Superindústria do imaginário*, que escraviza a subjetividade humana através do olhar. O *realismo capitalista* é uma conjuntura socioeconômica que influencia fortemente na subjetividade humana, como exploraremos posteriormente.

A forma de Kago (2020) criticar tais sistemas de avaliação é a partir da demonstração de que algumas das “exigências inegociáveis” dos clientes de Sakai nada mais são do que atos motivados pela ganância inapropriada. Sakai, então, torna-se alvo e é continuamente manipulada pelos “pobres velhinhos” que se comportam como vítimas, na maior parte do tempo, apenas para terem os seus desejos realizados.

A presente pesquisa é centralizada a partir da tese de que Kago (2020) constrói narrativas cartunescas para os seus idosos como forma de problematizar questões inerentes ao sistema econômico vigente, o Capitalismo; ao posicionar os idosos em confrontos surrealistas contra figuras vilanescas estereotipadas, Kago (2020) sugere a resistência ao sistema. Em um desdobramento irônico, porém, observamos com ceticismo uma tendência em crescimento no mercado de trabalho: o estímulo à geração de vagas e empregos para pessoas da terceira idade que queiram voltar a trabalhar ou a continuar trabalhando, conforme Said (2025). Sugerimos, então, que a crítica de Kago (2020) pode, sim, ser considerada datada, mediante o súbito interesse do mundo trabalho pelos idosos e o adiamento da velhice que conhecíamos até um futuro remoto, no qual as taxas de natalidade voltarão a crescer. A tendência pela ressignificação da velhice, ao ser considerada a “melhor idade”, é um dos indícios de que o mercado de trabalho compreendeu a necessidade de “reaproveitar” a mão-de-obra ociosa, ainda que experiente, que detém e está sujeita a uma convocação imediata.

Desse modo, compreendemos que Yukie Sakai, protagonista de *Dementia 21* (2020), adota iniciativas para burlar o sistema que tenta eliminar esses idosos. Por mais que ela mesma seja continuamente ameaçada por esse sistema eliminatório, Yukie resiste aos ataques diretos e defende os idosos das iniciativas homicidas adotadas pelos familiares e corroboradas pelo Estado fascista e distópico que domina o Japão na narrativa. As famílias representam uma ameaça para os idosos, quando adotam uma postura omissa ante as óbvias necessidades desse grupo subalternizado ou quando não asseguram uma vida digna para os mesmos. Portanto, as perguntas

norteadoras da presente pesquisa são: Como *Dementia 21* (2020), de Shintaro Kago, discute o etarismo característico da sociedade pós-moderna? Como a personagem de Yukie Sakai, a protagonista de *Dementia 21* (2020), simboliza a resistência que se deve adotar frente às medidas reacionárias e exclusivas adotadas pelo Estado fascista, como o Japão distópico ficcional da obra?

Logo, como forma de desenvolver a pesquisa, o presente trabalho está dividido: na primeira, *Realismo capitalista: controle do imaginário estabelecido pela cultura do consumo*, onde discorreremos brevemente acerca das estruturas que compõe o realismo capitalista e as suas origens nos textos marxistas; na segunda, seguiremos com *O envelhecimento na pós-modernidade: definições e conceitos de relações intergeracionais*, em que contextualizaremos a questão do envelhecimento nas sociedades tecnológicas pós-modernas, correlacionando as baixas taxas de natalidade com o desequilíbrio da chamada “ordem natural” e as consequentes reformulações do Capitalismo mediante essa conjuntura sociocultural. Na terceira, *O body horror nos mangás como um recurso discursivo*, exploraremos a origem dos mangás e a conceituação de *body horror*, subgênero transgressor. Por fim, *Envelhecimento e a Proteção ao Idoso em Dementia 21 (2020), de Shintaro Kago: o Body Horror como denúncia*, nos apropriaremos do referencial teórico para nos aprofundar na análise semiótica da obra selecionada, privilegiando a fase discursiva do Percurso Gerativo de Sentido, conforme Greimas (1982), para explorar a construção simbólica realizada por Kago (2020) para criticar, então o crescente envelhecimento populacional e as medidas extremistas e problemáticas adotadas pelo sistema para eliminá-los, ou, como veremos, passar a “ressignificá-los”.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é norteadada pelos procedimentos metodológicos definidos por Algirdas Julien Greimas (1917-1982), sob o título de *Teoria Semiótica*. De base estruturalista, a semiótica greimasiana tem como objetivo analisar signos, símbolos e imagens milimetricamente posicionados para promover ou destacar um significado específico. Greimas (1982) especifica que são no estudo da mitologia e dos seus respectivos significados ocultos que o ser humano desenvolveu interesse em organizar uma série de métodos para interpretar tais símbolos que buscam representar os dilemas humanos, ainda que decodificados.

Greimas (1982), entretanto, debate a expressividade cotidiana humana por meio do termo *semiótica gestual*. O autor argumenta que o corpo humano produz significados contínuos, que são ignorados primariamente em razão da sua ordinariedade. Como bem pontua o autor, “o corpo humano inteiro está engajado em produzir gestos, mas ninguém percebe a necessidade de extrair [nada além de] um pequeno número de peculiaridades dessa massa gestual” (Kachlin *apud* Greimas, 1982, p. 46). É relevante diferenciar, no entanto, a *semiótica gestual*, sugerida por Greimas (1982), da pseudociência utilizada para realizar deduções sobre a psique humana, conhecida como “Linguagem Corporal”, tendo em vista que o objetivo da semiótica greimasiana é obter respostas sobre os valores ideológicos de uma mensagem e não o valor da mensagem em si.

Para que esse propósito seja alcançado, Greimas (1982) organizou as *funções semióticas da narrativa*, proposta originalmente por Bremond, como um conjunto de procedimentos aplicados a um enunciado específico, a partir do que Barros (2005) viria a chamar mais tarde como *oposição básica mínima*. O funcionamento narrativo de um enunciado depende da polarização discursiva gerada a partir de uma intencionalidade. É por meio dessa interação que haverá tensão narrativa e um duelo de vontades que forçará os *actantes*, representados pelos personagens, a escolherem signos que traduzam seus posicionamentos ideológicos, a modo de resultar em significado. Nenhum signo ou símbolo, utilizado em uma comunicação humana, é sem intenção.

No que Barros (2005) denominou como *Percurso Gerativo de Sentido*, Greimas (1982) determinou quais procedimentos e como aplicá-los, a fim de compreender qual a construção ideológica por trás de um texto, seja ele verbal ou não-verbal. Por

questão de preferência ao método de Greimas (1982) aperfeiçoado por Barros (2005) em sua obra, *Teoria Semiótica do Texto*, além da óbvia renovação procedural realizada por esta última, privilegiaremos a organização do fundamental para o profundo. Pretendemos, assim, preservar a sequência lógica de causa-e-efeito.

O *Percurso Gerativo de Sentido*, conforme Barros (2005), é dividido em três etapas primordiais: a primeira, definida como *das estruturas fundamentais*, investiga o funcionamento do enunciado a partir de uma *oposição básica mínima*, na qual obteremos a polarização discursiva do enunciado. Em *Dementia 21* (2020), por exemplo, o enunciado é baseado no confronto intergeracional promovido pelo capitalismo. Em uma primeira instância, pode-se posicionar os semas de valores antagônicos, como s_1 *novo* vs. s_2 *velho*, em uma dedução instintiva a partir do que foi explorado do roteiro da obra a ser analisada, até agora. Ainda que uma única oposição básica mínima seja o suficiente para o funcionamento do enunciado, Greimas (1982) destaca que um núcleo significativo pode encontrar uma intersecção com outro núcleo investigativo, que pode ser explorado por meio da intertextualidade inerente a qualquer texto. Podemos apontar também outras oposições básicas mínimas presentes em *Dementia 21* (2020), como s_1 *analógico* vs. s_2 *tecnológico*; s_1 *ultrapassado* vs. s_2 *atualizado*; s_1 *jovem* vs. s_2 *idoso*; s_1 *tradição* vs. s_2 *renovação*. Ainda que o enunciado explore inúmeras outras, para a realização da pesquisa privilegiaremos principalmente as intersecções citadas por fins puramente sintéticos.

Em *Dementia 21* (2020) está presente o debate sobre as relações intergeracionais características da pós-modernidade, pautadas fortemente pela luta de classes e pelo etarismo proveniente de uma concepção utilitarista da sociedade e da influência marcante do capitalismo na subjetividade humana. É relevante pontuar que a escolha de cada sema utilizado na análise não foi meramente arbitrária; pelo contrário, a posição destinada para cada um dos semas é decidida conforme a orientação sugerida pelo próprio enunciado, a partir das intencionalidades propostas pelo enunciadador, ou o narrador, de cada um dos contos.

Trataremos cada um dos capítulos como micronarrativas *interdependentes*, ou seja, são *contos* com enredos individuais e que encontram resolução rapidamente. Os contos são divididos em preâmbulo, apresentação de problemática, desenvolvimento, clímax e final. Por meio dessa organização básica, Kago (2020) consegue desenvolver os seus *motivos*, como chamaremos a construção do início até a apresentação da problemática.

Na segunda etapa, *das estruturas narrativas*, exploraremos brevemente a função dos *actantes*, os personagens, para o desenrolar do enredo; o intuito dessa etapa é posicionar os atores narrativos conforme a sua performance no enunciado, se são influenciadores ou influenciados; na terminologia definida por Barros (2005), se são *sujeitos*, *destinadores* ou *destinatários*. Como *Dementia 21* (2020) é dividido em capítulos construídos como *contos* — restritos a um ciclo narrativo com início, meio e fim demarcados e personagens com uma única participação no volume, com exceção de Yukie, da cuidadora “invejosa” sem nome e do gerente da Green Net, que são personagens recorrentes que interligam os enredos entre os contos, mantendo uma sequência lógica entre eventos —, as problemáticas são sugeridas e solucionadas em um único ciclo narrativo.

Dessa forma, funcionamento narrativo se organiza a partir do contraste fundamental atribuído às concepções de s_1 *velho* e s_2 *novo*, e os valores a eles agregados por meio da correlação estrutural com outros semas. Nessa parte da análise, denominada por Barros (2005) como *das estruturas narrativas*, posicionaremos os *actantes* da narrativa e os seus funcionamentos narrativos específicos, de acordo com os valores a eles atribuídos pelo narrador, restrito ao campo semântico estabelecido pelo quadrado semiótico da oposição básica mínima.

Oportunamente, essa construção é essencial para o desenvolvimento do enunciado, pois cada conto representa um testemunho sobre os desdobramentos do capitalismo tardio na pós-modernidade. Dessa forma, na terceira etapa, *das estruturas discursivas*, aprofundaremos a discussão ao explorar o enunciado à luz dos resultados previamente obtidos. O funcionamento narrativo, no entanto, depende de *destinadores* e *destinatários*, claro. Por isso, pontuamos que Yukie funciona como a “régua moral” da narrativa, como forma de equiparar o seu comportamento moralmente idôneo com os seus antagonistas, sejam eles pessoas novas ou velhas. Afinal, é Yukie que representa a concepção de “politicamente correto”, conforme as tendências sociais mais populares entre as gerações mais jovens, que buscam fomentar ambientes menos tóxicos e auxiliam na construção de uma sociedade menos desigual. Sendo assim, Yukie funciona como uma figura de autoridade na narrativa, que condena os idosos ao paraíso ou ao purgatório, conforme as atitudes destrutivas atuais performadas pelos velhinhos.

Desse modo, analisaremos as representações do etarismo em *Dementia 21* (2020), já sabendo, por exemplo, que o enunciador se esforça por construir críticas

ferrenhas ao Capitalismo usando a sua própria linguagem. Como pontuado em *Realismo Capitalista*, escrito por Mark Fisher (1968-2017) e publicado no Brasil em 2020, o Capitalismo abre espaço para que as mais duras críticas sejam publicadas e lidas porque não considera que seja, de fato, o princípio do levante da classe trabalhadora, resultando em uma revolução. No estágio do capitalismo que vivemos, logo, no *Capitalismo Tardio*, há um comodismo por parte do sistema que desestimula a mínima demonstração de hesitação ou preocupação, por parte da classe dominante, com a ascensão de um ou outro crítico consciente à conjuntura opressiva que nos domina.

Vale salientar também que Shintaro Kago é um dos mangakás mais relevantes do Japão. Entre as suas obras, se destacam os volumes de *Dementia 21*, cujo primeiro recebeu tradução no Brasil pela Editora Todavia, em 2020, por Drik Sada. Nos Estados Unidos, a obra recebeu tradução até o sexto volume. A presente pesquisa, no entanto, priorizará a análise apenas dos contos presentes do primeiro volume, que já receberam tradução para o português brasileiro. A decisão busca valorizar as escolhas de tradução realizadas por Sada (2020) nas edições sob responsabilidade da Todavia, que já são voltadas para o público brasileiro. Assim se decide por evitar “ecos” ou possíveis ambiguidades como consequência na análise de um material que passou pela tradução duas vezes (Japonês-Inglês-Português Brasileiro), ao invés de apenas uma (Japonês-Português Brasileiro), como também valorizar o trabalho do tradutor Drik Sada.

Como já evidenciado por Greimas (1982, p. 46), “isso [a significação] movimenta-se da imanência para a manifestação”. Compreendemos, portanto, que ainda que utilizemos recursos externos à obra, todo o significado será estrito à análise imanente do objeto literário. A fundamentação teórica contribuirá com recursos para enriquecer a experiência do leitor da pesquisa e prepará-lo para os debates propostos, mas não para esgotá-los. Outras produções científicas podem ser originadas a partir da apreciação da presente pesquisa.

3 REALISMO CAPITALISTA: CONTROLE DO IMAGINÁRIO ESTABELECIDO PELA CULTURA DO CONSUMO

No primeiro volume de sua obra-prima, *O Capital* (2017[1867]), Karl Marx estabelece o paralelo entre trabalho/produção e precificação/valorização, no que concerne aos modos de consumo humano, motivado pela observação do comportamento dos consumidores e seus hábitos de compra, inerentes a uma sociedade capitalista. A observação mais instintiva de Marx (2017[1867]), no entanto, provavelmente é sobre a tradição humana de atribuir a *ideia de valor* ao que é produzido, ao invés de um valor “real”. O cálculo atribuído ao valor do produto, mais do que um valor monetário concernente às etapas e preços envolvidos na confecção da materialização de uma ideia, envolvem acréscimos praticamente metafísicos, como taxas em razão de desgastes do maquinário ou a instrução do profissional por trás da criação da obra.

Para um consumidor desatento, a divisão das mercadorias entre úteis e supérfluas parece arbitrária e sem objetivo específico. Para Marx (2017, p. 146), no entanto, “o caráter místico da mercadoria não resulta, portanto, de seu valor de uso”. O *fetichismo de mercadoria* pode ser brevemente explicado em um raciocínio rápido e descritivo: um universitário com tendências *oldschool* não consegue elaborar um argumento sem antes escrever manualmente em seu caderno. Ao utilizar as lapiseiras em seu estojo, todas quebram. Torna-se necessário, então, que ele compre outra. Em uma rápida visita a uma papelaria comum de bairro, o universitário encontrou uma lapiseira, “simples”, de 06 reais. A lapiseira, contudo, era desconfortável no momento da escrita, cortando os dedos do universitário. Ele se viu obrigado a comprar uma nova lapiseira, mais “requintada”. Dessa vez, investiu em duas, compradas em uma papelaria fina de *shopping*: uma “mediana”, de 17 reais; e a outra, “premium”, de 24 reais. O “valor” atribuído às lapiseiras é o que as distingue, pois elas são iguais: servem para o mesmo propósito; possuem as mesmas características. Mas o valor atribuído por uma pessoa para aquele objeto é o que o determina o valor desse objeto para outras pessoas.

O que distingue um objeto entre “necessário” e “supérfluo”, “simples” ou “premium”, tornando-o uma “besteira” irresistível para um olhar treinado, é a *cultura do consumo*, definida por Fontenelle (2017, p. 14, destaque nosso) como “uma *cultura* impregnada de forma-mercadoria e que, por isso, tornou-se um *modo de vida* que foi

ressignificando os usos dos objetos, assim como os hábitos, valores, desejos, paixões e ilusões de uma época”. É a cultura do consumo que conduz o indivíduo às compras “impulsivas”, como um resultado da profunda “hipnose” inconsciente, a qual o consumidor é sujeito, principalmente a partir de mídias, como redes sociais ou livros e filmes planejados especificamente para vender produtos.

Como uma atualização do *fetichismo de mercadoria* de Marx (2017[1867]), Eugênio Bucci cunhou o termo *Superindústria do Imaginário*, em seu livro homônimo de 2021. O termo de Bucci (2021) aprofunda a perspectiva de Marx (2017[1867]), voltando-a para a análise da subjetividade do consumidor, que é irregularmente “alugada” pelo capitalismo, como forma de explorar o “olhar” do sujeito em momentos de lazer, forçando-o a *consumir* no intervalo em que não produz. Na conjuntura do capitalismo tardio, essa “exploração” é voltada para o consumo de artigos tecnológicos e uma sequente urgência desses indivíduos em adquiri-los, como uma compulsão, é estimulada em suas subjetividades controladas.

A crescente preocupação quanto à rapidez com que esses itens dominaram as vidas de bilhões de pessoas ao redor do globo, é uma oportunidade para o estudo da *economia da atenção*, termo criado por Bucci (2021, p. 10) para definir o “mercadejar com o olhar, com os ouvidos, o foco de interesse e a curiosidade um tanto aleatório dos consumidores”. Tal fenômeno é fortemente representado por meio da superexposição das vidas em redes sociais através de bens de consumo, demonstrando a estranha dependência humana aos itens que escolhem para construir uma narrativa individualizante, que denota singularidade, chamada de *personalidade*.

Nessas circunstâncias, o capitalismo, conforme vivido na pós-modernidade, muito se assemelha a uma “escravidão” com características de cunho religioso, pois é uma “servidão coletiva”. Todos os indivíduos são obrigados a performar um comportamento rigidamente estabelecido por anos de exposição a uma cultura de imaginário e inconsciente coletivo milimetricamente manipulados para obedecerem aos estímulos comerciais.

Compreende-se, portanto, que o *controle do imaginário* é fundamental para a manutenção da psicopolítica liberal. É esse *controle* que assegura que as consciências não permaneçam apenas sincronizadas às expectativas capitalistas, assim como treinadas para reagirem da mesma forma. Costa Lima (2009, p. 21, destaque nosso) evidencia que, “o controle está sempre implícito, pois não há sociedade sem regras, e *onde há regras há controle*”. Tais regras são estipuladas por

um Estado marcadamente fascista, que privilegia as necessidades do mercado em detrimento ao bem-estar social buscado pelos cidadãos.

Tendo em vista essas influências externas, não é difícil deduzir que a subjetividade humana seria diretamente atingida pelo caráter dessas interações. Há desdobramentos psicossociais que marcam a subjetividade individual a um âmbito coletivo. Nas palavras de Han (2023, p. 9), “a liberdade terá sido episódica. Uma nova forma de submissão sucede à libertação”. Atualmente, a maior parte da população vive inconsciente das amarras concretizadas pelo capitalismo em suas vidas diárias. Vive-se com a impressão de uma liberdade plena e inviolável, quando as amarras do sistema submetem o sujeito a humilhações constantes. A instabilidade em grande parte da vida humana sucede em desdobramentos problemáticos na subjetividade das pessoas, como é o caso da “ecoansiedade”, uma tendência crescente nas gerações mais jovens que temem as Mudanças Climáticas, por exemplo.

Em decorrência dessas circunstâncias, surge o *realismo capitalista*, definido por Mark Fisher como “o sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa a ele” (Fisher, 2020, p. 10). Descrito pelo autor como uma realidade futurística-distópica em que ocorrem desdobramentos reacionários e antipopulares, o *realismo capitalista* não necessariamente é uma conjuntura distante dos valores socioculturais atuais; pelo contrário, se assimila tanto com os eventos recorrentes no presente que adquire um caráter de previsões divinas e premonitórias monstruosas características de um filme de terror apelativo, mas são apenas consequências diretas aos posicionamentos estatais fascistas atuais. A ambientação temporal futurística das narrativas *realistas capitalistas*, no entanto, serve como a construção da crítica ao sistema com um distanciamento temporal, para que as circunstâncias não pareçam tão concretas e inexpugnáveis.

Com o advento da internet e a crescente obtenção de artigos tecnológicos pela população mundial, assim como o fenômeno da globalização nos anos 2000, em razão do desenvolvimento pleno das tecnologias no século XXI, a humanidade projeta o futuro no presente. Na literatura e no cinema, o interesse geral por uma realidade alternativa futurística suscita a criação de distopias tecnológicas que se assimilam às condições atuais de opressão e precarização. Isso porque, conforme Fisher (2020, p. 10), “o mundo ali exibido [no realismo capitalista] parece mais com uma extrapolação ou exacerbação da nossa própria realidade do que com uma alternativa a ela”. As

condições gerais de modos de vida na atualidade impedem os indivíduos de idealizar um futuro utópico perfeito, pois o inconsciente coletivo já está dominado pela concepção de um futuro desequilibrado e desigual. A possibilidade de um levante popular é tão improvável quanto irrealista.

Logo, essa conjuntura que denominamos de *realista capitalista*, tem como característica um Estado fascista, com uma destruição pontual dos espaços públicos e redução da atuação estatal para dimensões básicas, representada por forças militares e policiais. Fisher (2020) exemplifica, então, que o mundo não apenas desapareceria, do nada; essa realidade concreta iria se desfazer paulatinamente, tornando-se abstrata. Nas palavras do autor, “tal praga só poderia ser encerrada por uma intervenção externa, tão imprevisível quanto a maldição que a iniciou” (Fisher, 2020, p. 6).

Podemos estabelecer, portanto, que o capitalismo passou a atribuir às pessoas esse mesmo código de valor aplicado aos produtos, distinguindo-as entre úteis e inúteis, valorosas ou descartáveis. Na conjuntura do realismo capitalista, todo ser humano está suscetível a ser explorado e todas as relações humanas são pautadas unicamente por questões comerciais. Tornar-se-á cada vez mais frequente a corrupção de tradições humanas em nome do capital, pois os sentimentos e emoções serão, paulatinamente, substituídos por transações financeiras.

4 O ENVELHECIMENTO NA PÓS-MODERNIDADE: DEFINIÇÕES E CONCEITOS DE RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

É indiscutível a pontuação similar de inúmeros pesquisadores, quando reforçam o debate sobre a influência da tecnologia em sociedades pós-modernas. O impacto dessas interações para as relações intergeracionais, no entanto, é um reflexo do conflito de concepções naturalmente provenientes de novas tendências de modo de vida que mudam no decorrer de décadas, o que gera estranheza e distanciamento de um grupo etário para outro — normalmente de uma geração mais velha, conservadora, contra os princípios das gerações mais jovens, consideravelmente liberais.

Assim, como usaremos regularmente o termo *geração*, convém conceituá-lo a fim de evidenciar a concepção geracional por trás da presente pesquisa. Conforme Borges e Magalhães (2011, p. 171), “o conceito de geração destaca o papel da experiência na formação da subjetividade”. Compreendemos também que a definição da psique dos indivíduos ocorre coletivamente, e não individualmente. É relevante salientar, portanto, que essa subjetividade em construção é diretamente influenciada por referências culturais, acontecimentos históricos e qualquer outra experiência coletiva vivida por um grupo de pessoas, como a morte de um ídolo em comum, por exemplo.

Um destaque dado por esses autores, contudo, é imprescindível para a compreensão da presente pesquisa: Borges e Magalhães (2011) destacam que o sentimento de pertencimento, por parte do indivíduo integrante da geração, é plenamente facultativo para a sua inclusão na dita classe. Esclarece-se, desse modo, que não importa o quanto a pessoa diga que “não se identifica” com a geração a qual pertence; os fatores inerentes ao agrupamento etário dessas pessoas são muito mais fortes do que qualquer consideração externa e individual por parte de seus agrupados.

Dessa maneira, pontuamos que essa dita “identidade geracional” pode ser chamada de *consciência geracional* e é categorizada como um sistema de códigos baseados em valores ideológicos e culturais que determinam o comportamento de um grupo de pessoas, indiscriminadamente, e pautam o seu olhar para a compreensão de outros acontecimentos e experiências culturais externas ao que é inerentemente pessoal, como visto em Borges e Magalhães (2011).

As autoras evidenciam, no entanto, o que Mannheim (1982) já havia elucidado ao apresentar a sua teoria geracional, que participar de uma geração equivale a integrar uma *classe social*. O autor equipara o relacionamento geracional como aquém de qualquer desvinculação ou rompimento, por ser um vínculo criado por um fenômeno social insuperável específico.

Como visto em Borges e Magalhães (2011, p. 172), as autoras explicitam que:

Da mesma forma que aqueles que ocupam um mesmo segmento na sociedade compartilham de valores, afinidades, visões de mundo, etc., as pessoas que fazem parte [de] uma mesma geração também estão ligadas umas às outras — mesmo que não o saibam, não o queiram e mesmo sem se conhecer —, mas essa ligação não é dada pela estrutura econômica.

Logo, as autoras reforçam que essas experiências culturais não são restritas a um aspecto econômico; pelo contrário, essas experiências coletivas são determinadas por uma estrutura acima de qualquer estigma social e chegam a parâmetros gerais no que tange ao impacto coletivo de suas referências. As autoras citam Mannheim (1982 *apud* Borges e Magalhães, 2011) para contextualizar a *organização estrutural geracional*, que, ainda que sofra o impacto das opressões estruturais impostas pelo Capitalismo, proporciona uma experiência cultural igualitária para os seus integrantes, sem acepção por gênero ou raça, por exemplo. O que importa nessa organização social é o ano do nascimento da pessoa, unicamente. Isso significa que, homens ou mulheres, negros ou brancos, dentro de uma mesma geração, são influenciados da mesma forma, com as mesmas referências culturais, com os mesmos ídolos incontestáveis.

Sendo assim, Borges e Magalhães (2011) definem como *estratificação da experiência*, o que Mannheim (1982) conceitua como um fenômeno que compromete a visão de um agrupamento de pessoas por faixa etária, por ano de nascimento. Segundo o autor, essa organização por ano de nascimento é determinante para entender como os indivíduos pensam e experimentam o mundo, de maneira característica. Essa experiência unitária, ao mesmo tempo que coletiva, que vai ditar a leitura e compreensão de mundo de cada um dos afetados.

De acordo com Borges e Magalhães (2011, p. 172), “por meio do processo de interiorização, o mundo de coisas e significados é concebido como uma realidade exterior. Assim, institui-se um mundo experimentado como realidade objetiva”. Isso significa que as experiências impactam, coletivamente, a um grupo de pessoas, de

formas particulares e características, tornando-as significativas e simbólicas para diferentes grupos etários de formas diferentes. As autoras mencionam o *hábito* como fenômeno significativo para a construção dos marcos geracionais, sendo estes fatores para determinar o grau de proximidade intergeracional promovida por determinado evento.

É a partir do processo de *transmissão cultural*, definido por Borges e Magalhães (2011) como um processo de assimilação de referências geracionais realizadas entre grupos etários distintos como forma de diálogo e inclusão, que se desenvolvem as principais relações intergeracionais. Como visto em Borges e Magalhães (2011, p. 173, destaque nosso), “o tempo que separa as gerações não é mais tomado como o *tempo quantitativo cronológico*, mas sim como o *tempo qualitativo*, o tempo que é vivido e que constitui cada indivíduo”. Logo, compreendemos que o relacionamento intergeracional é imprescindível para a constituição da subjetividade individual, desde que os sujeitos compõem os espaços vazios em suas próprias experiências a partir dos códigos gerais obtidos das experiências alheias. Os eventos e elementos culturais não são, pois, isolados historicamente e sempre dependem de uma referência anterior para resultar em significação.

Desse modo, Borges e Magalhães (idem) evidenciam que, “a sociedade determinava o conteúdo da ideação humana e não haveria pensamento humano que fosse imune às influências do contexto social”. Por isso, as experiências vividas por todos os seres humanos são significativas e determinantes para a constituição da subjetividade dos sujeitos. É a partir dessas performances individuais que os eventos são divididos em relevantes e irrelevantes, separando-os em categorias de importância.

Uma das principais relações intergeracionais no século XXI, portanto, são as relações de cuidado mantidas entre familiares ou amigos, mas também entre pacientes e cuidadores. De acordo com Lima (2016, p. 80, destaque nosso), “o conceito de *cuidado* vem sendo usado em antropologia para *referir situações em que a privação e os problemas de saúde* são abordadas de forma que incluem o apoio estatal aos cidadãos”. Desse modo, compreende-se que a categoria de *cuidado*, além de uma tendência que prioriza uma visão humanista para além da conceituação, é um aspecto determinante, que incentiva a responsabilidade estatal pelo bem-estar da população em geral, e não apenas especificamente às crianças ou aos idosos, por exemplo.

Por questões meramente conceituais, priorizaremos apenas a primeira definição de cuidado proposta por Lima (2016, p. 80), que evidencia esse “conjunto de práticas (cuidar do outro) e por outro, a um valor, ou um conjunto de valores (o afeto daquele que cuida)”, como uma performance de atenção e carinho provinda de alguém que cuida para alguém que é cuidado. A autora esclarece, inclusive, que essa linguagem de cuidado é representada por uma série de ações e expressões provenientes de uma pessoa para a outra, partindo do princípio de que um indivíduo não tem a capacidade de cuidar de si mesmo.

No aspecto do cuidado para com o outro, Jane Tronto (1993 *apud* Lima, 2016) define a categoria do cuidado em quatro etapas⁴: “importar-se” (*caring about*), “tomar de conta” (*taking care*), “doar cuidado” (*caregiving*) e “receber cuidado” (*care-receiving*); nas quais se desenvolvem quatro procedimentos éticos fundamentais para o cuidado, organizados em “atenção” (*attentiveness*), “reponsabilidade” (*responsability*), “competência” (*competence*) e “responsividade” (*responsiveness*). Lima (2016, p. 80) esclarece que as “práticas de cuidar são sempre relacionais e baseadas numa mesma motivação de ‘olhar pelo outro’”. Sendo assim, o comportamento empático para quem está sendo dedicado o cuidado é mais que necessário; é decisivo para o sucesso pleno do cuidado envolvido.

Como destacado por Castro e Antunes (2016), o *modelo de envelhecimento* proposto por Battes e Battes (1990) parte da concepção de que o desenvolvimento humano não é um fenômeno casual, mas ordinário; ou seja, tal desenvolvimento se dá ao longo de toda uma vida humana e, quando do envelhecimento, o processo decorre com inúmeras perdas e ganhos, resultante do contexto sociocultural do indivíduo. Desse modo, compreende-se que o processo de envelhecimento demanda perdas significativas, não apenas materiais, como imateriais. Por isso, a autora considera o envelhecimento como “objeto social, presente em diversos contextos do cotidiano”, conforme Lima (2016, p. 320).

Algo que não se pesquisa com ainda mais recorrência é sobre a falta de reflexão acerca do envelhecimento ativo; as gerações mais jovens almejam “viver para sempre”, mas sem as consequências físicas de tal envelhecimento. Influenciados pela ficção sobrenatural de seres fantásticos, imortais em sua juventude, as gerações mais

⁴ Apenas os termos em inglês pertencem à Tronto (1993). As traduções são produções intelectuais dos autores.

jovens enfrentam o dilema de envelhecer sem adquirir nenhuma característica do envelhecimento. Por isso, a tendência é que cresçam as representações transgressoras de envelhecimento, que ressignifiquem a “velhice” como vista atualmente.

Conforme Teixeira e Andrade (2019, p. 517), “o mercado de trabalho cria estereótipos dos indivíduos mais velhos, afirmando que a produtividade é oposta ao envelhecimento”. Compreende-se, portanto, que os idosos são categoricamente afastados do mercado de trabalho sob orientação de lideranças e autoridades, que pretendem se livrar de aposentadorias em potencial. Com a permanência de funcionários na empresa, com tempo o suficiente para progredirem até as últimas categorias de seus planos de cargos e carreiras, haverá um subsequente aumento nas aposentadorias pelas quais tais empresas precisam se responsabilizar até que essas pessoas morram.

Dessa forma, os autores complementam com a perspectiva de que os idosos são preteridos no mercado de trabalho em razão de uma “menor força física, maior desconhecimento tecnológico ou menor adaptação às novas técnicas e demandas” (Teixeira e Andrade, 2019, p. 517). Por isso, correlacionam essa tendência excludente do mercado com a exploração subsequente das gerações mais jovens, para superar o desequilíbrio entre oferta e demanda que opera no mundo do trabalho.

Como uma maneira de superar esses empecilhos posicionados para prejudicar os idosos nos seletivos formais, esses tentam métodos alternativos de trabalho para sobreviver, buscando empregos informais, principalmente por conta de sua resistência ao lidar com tecnologias. Para Teixeira e Andrade (2019, p. 518),

as mudanças e características da reestrutura produtiva, flexibilização e a precarização do trabalho são determinantes para o posicionamento da parcela da população mais idosa resultaram na ruptura de um padrão de desenvolvimento estabelecido até meados da década de 80”. Compreende-se, portanto, que até a década de 1980, havia uma concepção de “velhice” que não corresponde mais aos padrões atuais, como destacaremos mais adiante.

Sobre a busca pela dignidade na velhice, Mercadante (2009 *apud* Minó e Mello, 2021, p. 274, destaque nosso) destaca que:

Representações que naturalizam a fragilidade e a dignidade na velhice ao mesmo tempo em que expõe aspectos que destacam positivamente como superação conquista e *longeviver* — em um primeiro momento, a velhice pode ser vista apenas como o período de espera pela morte, ou seja, um período de

declínio, o que negaria, assim, a possibilidade de um futuro para o velho; por outro lado, admite que a velhice pode ser vista como '*uma vitória*'; uma prova de *resistência*, *um desafio para fortes*; uma fase de humilhações e falta de dignidade; degradação; vulnerabilidade'.

Desse modo, conforme destacado pelos autores, essa é uma perspectiva relativamente nova sobre uma velhice digna, em que não há um abatimento de indivíduo sobre o seu próprio envelhecimento; mas, sim, um orgulho, uma "vitória", ante a resistência do indivíduo ao sistema e o seu direito "natural" a uma espécie de retribuição do sistema pelo seu esforço, como a concessão de uma aposentadoria, por exemplo. Ao invés de ansiar pela morte "próxima", cresce-se a tendência pela apreciação do passado como uma conquista.

4.1 Breve contextualização do aumento das taxas de envelhecimento na sociedade pós-moderna: o desafio da longevidade no capitalismo tardio

Velhos não são o alvo de preocupação ou carinho nas sociedades tecnológicas em desenvolvimento na pós-modernidade. Da mesma forma, trabalhadores de primeira necessidade, como enfermeiros ou cuidadores, recebem um salário muito abaixo do que o esperado para a categoria⁵. Essas duas classes de pessoas estão restritas a um espaço marginalizado, pois são elas mesmas marginalizadas. No Brasil, uma série de leis foram criadas no Brasil para proteger os idosos, como é o caso do Estatuto do Idoso⁶ e iniciativas como a Casa do Idoso⁷ e a Unabi⁸ criam espaços de acolhimento e inclusão para essas pessoas que são tão invalidadas e continuamente excluídas de espaços comuns de convivência. O objetivo é que essas pessoas consigam passar por esse período conturbado da maneira mais saudável possível e, assim, uma classe marginalizada depende diretamente da outra para sobreviver: os

⁵ SAMPAIO, Cristiane. **Entenda por que piso nacional da enfermagem ainda não é pago para toda a categoria**. 2024. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2024/06/03/entenda-por-que-piso-nacional-da-enfermagem-ainda-nao-e-pago-para-toda-a-categoria>>. Acesso em: 04 fev. 25.

⁶ "O Estatuto do Idoso assegura uma ampla gama de direitos fundamentais que garantem aos idosos a dignidade e o respeito na saúde física e mental, nas finanças e na autonomia privada." | MARTINELLI, Gustavo. **Estatuto do Idoso: o que é, direitos e papel dos advogados**. Disponível em: < <https://www.aurum.com.br/blog/estatuto-do-idoso>>. Acesso em: 01 fev. 25.

⁷ "A Casa do Idoso é um centro de convivência para pessoas idosas que oferece atividades sociais, esportivas, culturais e educativas. O objetivo é promover o convívio social e a saúde mental, além de prevenir o isolamento." | PREFEITURA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **Casa do Idoso**. Disponível em: < <https://www.sjc.sp.gov.br/servicos/apoio-social-ao-cidadao/casa-do-idoso>>. Acesso em: 01 fev. 25.

⁸ Universidade Aberta Intergeracional, como atividades voltadas para a valorização do idoso na sociedade.

velhos precisam de cuidadores para viver com plenitude; os cuidadores precisam dos velhos para colocar o “pão na mesa”. Havendo, portanto, uma interdependência entre os prestadores de serviço, que almejam a sua subsistência e os idosos, que carecem dos cuidados.

Por um breve momento, precisamos deslocar os holofotes para discutir uma questão aparentemente deslocada no contexto que estamos discutindo atualmente, que é o do envelhecimento. Ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, contudo, o Governo Federal, atualmente presidido por Luiz Inácio Lula da Silva (2023-2026), recebeu uma proposta, organizada por empresários, para alterar a legislação que determina a validade dos alimentos no Brasil. Tal alteração baseia-se principalmente na adoção da nomenclatura estadunidense, *Best Before*, para passar a mensurar qualidade de produtos após data de validação, que seria estendida em razão do conceito de que tal nomenclatura designa ao alimento uma qualidade “melhor”, “estendida”, antes da data e não necessariamente uma data limite para consumo.

Como apontado por Said (2025), no entanto, incluso no documento composto por uma lista de propostas de substituições da atual legislação brasileira, está sugerida a criação de um programa de incentivo para geração de empregos para idosos, por meio da desoneração⁹ da folha de pagamento do supermercado contemplado, quando se tratar de pessoas com 60 anos ou mais ou quando for o caso de 1º emprego formal¹⁰. Logo, uma questão que aparentemente nada tem a ver com os idosos, os inclui oportunamente, em razão de uma ausência notória de interessados para cargos de empacotadores e caixas nas redes de supermercados Brasil à fora¹¹.

Como veremos posteriormente, Shintaro Kago propõe uma discussão profunda sobre o envelhecimento populacional que já se agravava no ano do

⁹ A “**desoneração**” da folha de pagamento, no contexto brasileiro, consiste na isenção fiscal, para certos setores da economia, da contribuição patronal para a previdência social – normalmente devida no valor de 20% da folha de pagamento – substituída pela cobrança sobre o faturamento da empresa,[2] com alíquotas de 2 a 4%, dependendo do setor. | **DESONERAÇÃO**. Wikipédia. Disponível em:< https://pt.wikipedia.org/wiki/Desonera%C3%A7%C3%A3o_da_folha_de_pagamento>. Acesso em: 17 fev. 25.

¹⁰ SAID, Flávia. **Supermercados sugerem ao governo mudar método de validade de alimentos**. 2025. Disponível em:< <https://www.metropoles.com/brasil/supermercados-sugerem-ao-governo-mudar-metodo-de-validade-de-alimentos>>. Acesso em: 03 fev. 25.

¹¹ FICHER, Alisson. **Escassez de mão de obra chega aos supermercados e empresas encontram dificuldades em achar profissionais**. 2024. Disponível em:< <https://clickpetroleoegas.com.br/escassez-de-mao-de-obra-chega-aos-supermercados-e-empresas-encontram-dificuldades-em-achar-profissionais/>>. Acesso em: 25 fev. 25.

lançamento do primeiro volume no Japão, em 2018. Dados apontam que os países precisam preservar uma taxa de fecundidade em 2,1 para que a população continue crescendo na mesma proporção em que envelhece (Seo e Lau, 2024). Se analisarmos os dados de fecundidade populacional, a partir das taxas de natalidade no Brasil, no entanto, não teremos números tão diferentes dos japoneses. O Japão apresenta uma taxa de fecundidade de 1,3 filho por mulher, como visto em Barini (2024). Os japoneses seguem uma tendência dos países asiáticos, que tem como representante máxima a Coreia do Sul, que é considerada uma sociedade “super envelhecida”. Com um índice de longevos com 65 anos ou mais em 20%, a Coreia do Sul contava como uma taxa de natalidade de 0,72, em 2023, de acordo com Seo e Lau (2024). No Brasil, a taxa de fecundidade feminina caiu para 1,57, em 2023, conforme com Luz (2024). As razões pelas quais as mulheres evitam engravidar em todos os países, inclusive, se assemelham: brasileiras, japonesas e coreanas resistem à misoginia estrutural que as oprimem, assim como não desejam colocar mais um ser humano “no mundo” para sofrer as consequências das Mudanças Climáticas.

Como consequência da longevidade geracional, existem mais idosos do que jovens no mundo desde 2019, como destacado por Duarte (2019). Esse desequilíbrio é o sinal de que muito em breve haverá evidências como consequências diretas da influência do capitalismo tardio na subjetividade humana. Em 2023, a porcentagem de idosos ultrapassou a porcentagem de jovens no Brasil, como visto em Cypreste (2024). Isso significa que não estamos distantes do colapso, a não ser que mudanças sejam realizadas no cerne dos hábitos culturais humanos, como um aumento significativo (e súbito) da taxa de fecundidade mundial.

Em um artigo previamente publicado, intitulado *A Geração FemCel: maternidade compulsória e celibato voluntário em Querida Konbini* (2019), de Sayaka Murata (Louro e Louro, 2024), discuto a razão pela qual o *antimaternalismo* se desenvolve como uma tendência entre as mulheres da Geração Z¹² mundo à fora, mas principalmente na sociedade pós-moderna. Definido como uma resistência à maternidade compulsória estimulada pelo capitalismo, o antimaternalismo se traduz como uma alternativa aos valores misóginos incrustados nas sociedades pós-modernas. É também um discurso que acolhe mulheres que não se enquadre no

¹² O termo geracional é apenas uma expressão chave para designar o grupo de pessoas nascidas entre 1995-2012.

arquétipo maternal, construído e reforçado pelo sistema. Iaconelli (2023 *apud* Louro e Louro, 2024) determina, inclusive, que o *instinto maternal* nunca passou de um mito que “escraviza” inúmeras mulheres ao redor do mundo.

O celibato voluntário praticado por mulheres, portanto, é uma resposta direta ao machismo estrutural que as oprime. Se não há uma perspectiva futura de equidade, as mulheres decidiram que não colocarão mais outros seres humanos “no mundo” para contribuir com o desequilíbrio. Essa faixa etária, portanto, foi especificamente escolhida para essa pesquisa levando-se em consideração a grande influência do computador enquanto principal ferramenta tecnológica de acesso à internet no ambiente doméstico; momento este que precede a substituição do PC¹³ pelo *smartphone*, que influencia fortemente a Geração Alpha e acarreta outros desdobramentos psicossociais característicos, que não privilegiaremos no presente trabalho.

É essa geração específica, a Geração Z, conforme Louro e Louro (2024), que se posiciona de forma conservadora e contida sobre as questões sexuais, como pontuo no artigo, que se vê responsável pela crescente população envelhecida que ocupa o mundo. Esse excesso de pudor quanto às interações sexuais é resultado de um contato contínuo com telas desde tenra idade, o que resultou em indivíduos mais introspectivos e socialmente reprimidos. Diretamente impactados pelo advento da internet banda larga, essa geração se voltou para as redes sociais como principal mecanismo de interação entre humanos, evitando, assim, o contato pele-a-pele. Logo, se menos sexo é feito, menos crianças são concebidas.

Estudos apontam que, ironicamente, a geração que se recusa a ter relações sexuais é aquela que se tornará responsável pelo cuidado e atenção dos idosos, para o qual também não estão preparados. Ou seja, é a Geração Z, que chega aos 30 anos em 2037, que se tornará a principal responsável pelas gerações longevas. Como Alfano (2024) destaca em seu artigo, as gerações mais jovens são as mais preocupadas com o impacto direto do consumismo no meio ambiente¹⁴. Sem a experiência prévia da parentalidade adquirida, essa geração enfrentará sérios

¹³ PC ou *Personal computer*, sigla em inglês para designar o computador pessoal.

¹⁴ ALFANO, BRUNO. **Novas gerações se mobilizam e cobram responsabilidade de todos em busca de um futuro melhor**. 2024. Disponível em: <<https://marreta.pcdomanual.com/p/https://oglobo.globo.com/um-so-planeta/noticia/2024/10/15/novas-geracoes-se-mobilizam-e-cobram-responsabilidade-de-todos-em-busca-de-um-futuro-melhor.ghtml>>. Acesso em: 04 fev. 25.

conflitos morais quando se vir obrigada a assumir os cuidados dos seus avós ou pais precocemente envelhecidos.

Por mais que a conjuntura atual não esteja tão distante assim das criações distópicas de Kago (2020) — difícil ao ponto de um idoso recorrer ao suicídio por não conseguir sobreviver com uma aposentadoria baixa; por não conseguir boas vagas no mercado de trabalho; por não conseguir pagar as medicações caras, conseqüentemente —, é inconcebível o suicídio ser considerado tolerável como um recurso comum para os idosos fugirem de problemas estruturais construídos pelo Capitalismo, quando não se tem um familiar por perto para atender as suas necessidades específicas. A Faculdade de Medicina da UFMG publicou uma nota sobre a taxa de suicídio entre população idosa, que tende a ser maior, quando comparada com as outras faixas etárias, em 2022¹⁵. Em 2023, o Hospital Santa Mônica publicou que o índice de suicídio entre a população idosa era 50% maior quando comparado com qualquer outra faixa etária, chegando a 7,8 óbitos a cada 100 mil idosos¹⁶.

O fato daquele indivíduo já ter sobrevivido, e envelhecido, aos inúmeros empecilhos posicionados ao longo do caminho para prejudicar a sua jornada deveria ser um sinal de que merece um descanso de qualidade até o fim dos seus dias, mas os dados comprovam que nem sempre é assim. A perspectiva da aposentadoria, anteriormente almejada por grande parte da classe trabalhadora como o auge da carreira, passa a representar um ponto e vírgula ao invés de um ponto final. Após medidas consideravelmente prejudiciais contra o trabalhador, como a Reforma da Previdência no Brasil, em 2019, conseguir se aposentar tornou-se um desejo praticamente irrealista e inalcançável para as futuras gerações de trabalhadores que dependem de tal legislação para conseguir gozar de seus direitos.

¹⁵ FACULDADE DE MEDICINA. **Tabu longo: Taxa de morte por suicídio é maior na população idosa**. 2022. Disponível em: < <https://www.medicina.ufmg.br/tabu-longevo-taxa-de-morte-por-suicidio-e-maior-na-populacao-idosa/> >. Acesso em: 01 fev. 25.

¹⁶ HOSPITAL SANTA MÔNICA. **Suicídio entre idosos: fique por dentro dos índices mais recentes**. 2024. Disponível em: < <https://hospitalsantamonica.com.br/suicidio-entre-idosos-fique-por-dentro-dos-indices-mais-recentes/> >. Acesso em: 01 fev. 25.

4.2 Representações de envelhecimento nas sociedades tecnológicas pós-modernas: uma breve revisão simbólica e imagética

A “terceira idade” é amplamente representada na literatura e no cinema desde a criação de ambos os gêneros. Desde o questionamento da esfinge para Édipo em *Édipo Rei* (427 a. C.), que o leva à resposta esperta sobre o desenvolvimento da vida humana, os idosos são representados como figuras de grande sabedoria e valor, principalmente com a sua proximidade mística do final da vida humana. *Rei Lear* (1606-1605), de William Shakespeare (1564-1616), é um exemplo icônico e praticamente um arquétipo no conjunto de representações idosas. O imaginário popular passou a associar ao suposto conhecimento de toda uma vida aos cabelos esbranquiçados e à postura vacilante que marcam esse período específico da experiência humana de maneira estereotipada, conforme já elucidado. É práxis: no imaginário popular, a representação de um idoso deve conter a fragilidade senil dos últimos anos, do resto de fôlego, assim como uma típica visão desapegada da vida, própria de indivíduos que se despedem à cada amanhecer.

Sobre as *representações sociais*, para Moscovici (1961/2012), Castro e Antunes (2016) comentam que tais representações dependem diretamente de um *sistema de valores, noções e práticas* que concedem aos indivíduos mecanismos para se orientar em meio aos estímulos sociais. Dessa forma, as autoras indicam que uma representação social está sempre simbolizando algo, sendo esta a compreensão simbólica do objeto que representa. Ainda sobre estereótipos negativos, Minó e Mello (2021, p. 274) elucidam que “tais estereótipos negativos socialmente construídos reforçam comportamentos e percepções que identificam uma ingratidão nessa fase [a velhice]”. Ou seja, menosprezar os mais velhos em razão de “deduções redutivas”, por exemplo, é um reflexo da desvalorização da figura do idoso ante as sociedades tecnológicas.

Ademais, no que Castro e Antunes (2016) indicam como *representações sociais do envelhecimento*, está presente uma das representações mais comuns para simbolizar os mais velhos, que é o envelhecimento caracterizado como a perda do ritmo de trabalho, normalmente como o momento prévio à aposentadoria. Mas existem duas outras representações: a segunda, que envolve o processo, supostamente feminino, que designa o esvaziamento doméstico, com a saída dos filhos de casa; a

terceira representação envolve a velhice como atribuição de um “desgaste orgânico” por parte do corpo humano.

Como representações típicas do envelhecimento, Castro e Antunes (2016) indicam como características comuns presentes no imaginário popular, estão uma série de atributos que devem ser “performados” pelo indivíduo considerado “idoso”, como os cabelos brancos, as rugas, o declínio físico e mental, o desenvolvimento de doenças crônicas, o declínio sexual, a saída do mercado de trabalho e a saída dos filhos de casa. Como complemento, as autoras elucidam a pontuação de Craciun e Flick (2014) sobre a pessoa ser considerada “velha” apenas quando apresentar sinais físicos visíveis que correspondam a esse “desgaste”.

Como forma de discutir essas representações estereotipadas, escolhemos três exemplificações midiáticas que influenciaram na concepção de “subjetividade idosa” das gerações tecnológicas mais jovens. As representações idosas estereotipadas podem ser determinadas em três arquétipos gerais: “o idoso sábio”, “o idoso trágico” e o “idoso doente”. É relevante salientar que preferimos organizá-las cronologicamente como forma de privilegiar as suas datas de lançamento originais, a fim de evidenciar a progressiva construção da identidade idosa para o cinema ao longo dos últimos quarenta anos. As escolhas dos personagens para representar os arquétipos foram puramente alegóricas.

Como já destacado anteriormente, o reconhecimento da divergência psicossocial da experiência humana de um idoso começou a ser largamente discutida em meados dos anos 1980, em razão do aumento da taxa de envelhecimento populacional que os pesquisadores observavam com crescente preocupação. O que hoje é considerado o sujeito “pré-idoso”, o indivíduo na faixa dos 50 aos 60 anos, já era considerado idoso naquela época, como evidenciado por Lima (2016). Essa ocorrência é devida, principalmente, Pelo conceito de longevidade de outrora não corresponder ao de hoje, mais extenso em anos. No Brasil, por exemplo, a cada mil pessoas que completavam 60 anos, apenas 344 chegavam aos 80 anos, em 1980, conforme Campos (2020). Isso significa que os idosos atualmente são mais velhos do que aqueles do passado.

A primeira das exemplificações, por tanto, é Mickey, personagem da saga *Rocky* (1977-2006), protagonizada por Sylvester Stallone. Mickey representa o “idoso sábio”, experiente. Na série de filmes, Stallone é Rocky Balboa, um pugilista fracassado aos 31 anos. Na busca por um treinador para a sua luta com Apollo Creed,

Balboa reencontra Mickey, que é o proprietário do clube de boxe onde Rocky treinou durante anos. Mesmo que Mickey esnobe o pugilista em um primeiro momento, eles fortalecem a sua antiga amizade ao longo dos dois primeiros filmes da franquia. Mickey representa o idoso irritadiço, impaciente; ele está surdo de um ouvido e meio cego pelas lutas que enfrentou em sua juventude, então está sempre incomodado por não entender direito o que as pessoas falam muito baixo. Por mais que tenha uma personalidade forte e pareça intransigente, em vários momentos é o que mantém Rocky firme no propósito de ganhar a luta e, conseqüentemente, o cinturão.

No terceiro filme da franquia, no entanto, Mickey está ainda mais esgotado depois de treinar Rocky Balboa ao longo de nove defesas de seu título invicto como campeão mundial de boxe. Por mais que não se tenham passado nem dez anos do “início” da jornada de Rocky, Mickey já era velho no primeiro episódio da franquia. Nesse filme em específico, Mickey confessa para Rocky a sua exaustão e sugere que ambos se aposentem, pois ele não confia em mais ninguém para orientar o atleta que é quase o seu filho. *Rocky III* (1982), que tem como subtítulo *O desafio supremo*, conta como Rocky perdeu o seu título para Clubber Lang, um pugilista estreante ganancioso. Na dita luta, Mickey é vítima de uma violência por parte de Clubber Lang, desencadeando um ataque cardíaco que resulta em seu falecimento, como visto na **figura 1**.

Figura 1. Mickey sofrendo um ataque cardíaco em *Rocky III* (1982).



Fonte: YouTube, 2015.

Nesse momento, Mickey passa a representar o inevitável falecimento “natural” ao qual o idoso está destinado. Mesmo que Clubber Lang seja o responsável por empurrar Mickey, este já vinha se queixando para Rocky sobre os mal-estares característicos da idade: o corpo dolorido, um peso do peito. Sem o gesto de Clubber

Lang, Mickey poderia ter vivido mais alguns meses, mas a sua morte já estava predestinada como um acontecimento concreto, inescapável. Mais cedo ou mais tarde, Mickey faleceria. E, como prova do seu amor indelével, Balboa decide-se por vingar Mickey, desafiando Lang para uma revanche. Para Rocky, Mickey representa o pai que nunca teve. É assim também para inúmeros fãs de franquia, que se viram subitamente órfãos com o falecimento de Mickey.

A associação da figura do idoso à morte também está presente em *The Shawshank Redemption* (1994), por meio do personagem Brooks Hatlen. Provavelmente o leitor não o conhecerá por nome, mas, caso já tenha assistido ao filme, poderá se lembrar dele como “o velhinho que é liberto”. Para Brooks, cabe a representação do arquétipo do “idoso trágico”. Por mais que o filme se passe em uma penitenciária, não é esclarecido qual o crime cometido por Hatlen. Na verdade, a construção da sua narrativa conduz ao total esquecimento de sua sentença, sendo priorizada a estima pela sua personalidade carismática. Os personagens do filme se aproximam de Hatlen para serem aconselhados, para receberem conforto. Hatlen é mais do que um pai; é a figura de um avô, de um grande sábio capaz de elucidar questionamentos existencialistas profundos. Chega um momento, entretanto, em que Hatlen precisa abandonar o ambiente controlado do presídio e voltar para o “mundo real”, como se vê na **figura 2**.

Figura 2. Brooks Hatlen fora das grades em *The Shawshank Redemption* (1994).



Fonte: Iconografia de História, 2020.

Para Brooks, “ir embora” da penitenciária não é o equivalente a ser “liberto”. Depois de longo anos “atrás das grades”, Hatlen obedece a uma rigorosa rotina estabelecida pelos horários dos carcereiros; pelas refeições cronometradas; pelo banho de sol limitado; pelos amigos que, inevitavelmente, fez e são de longa data. O

presídio se infiltrou na subjetividade de Hatlen e ele não conseguia superar o controle do imaginário delimitado por aquele microcosmo. Conforme Costa Lima (2009), o *controle do imaginário* é um recurso imprescindível para a manutenção da psicopolítica liberal, que assegura que as subjetividades não estão apenas sincronizadas com as expectativas capitalistas, assim como que estejam intimamente treinadas para que reajam da mesma forma. Os anos de completa submissão psicossocial não foram poucos. Afinal, cinquenta anos equivalem à metade de um século. Por mais que tenha se tornado uma figura valorizada naquele espaço recluso, Brooks Hatlen não seria “ninguém” do lado de fora. Dentro da instituição, nos anos em que passou encarcerado, não houve um preparo psicológico ou estrutural para uma liberdade futura. Sem uma formação específica que o habilitasse para um bom emprego do lado de fora, além do fato de estar permanentemente fichado, sem família ou amigos, quais as perspectivas reais para alguém assim? Ainda assim, a sua decisão pelo suicídio é chocante. O estigma de “trágico” não é por um acaso. A história de Hatlen é apenas um símbolo para o suicídio de milhares de idosos desamparados ao redor do mundo, abandonados à própria sorte.

Por fim, os “idosos adoecidos” de *A fantástica fábrica de chocolate* (2005), como visto na **figura 3**. Por mais que a sua participação pareça rápida e relativamente desimportante, o enredo do filme se desenvolve por meio daquela cama. Vejamos: o pai de Charlie é o único que trabalha fora de casa e, portanto, é o único que detém a renda para sustentar seis adultos e uma criança relativamente esquelética. Em uma casa em que não se vê nada de novo ou em boas condições e em que a dieta de todos é baseada em variações insossas de repolho, a cama em que os quatro idosos permanecem deitados por todo o filme é figura central nas cenas em que aparece. Além de ser o maior item presente na casa, a cama também é o móvel onde todos se reúnem para conversar em razão da saúde precária dos idosos. Todos estão muito pálidos e vestem sobreposições por conta do frio que se infiltra pelos buracos da casa. Nenhum deles parece ter alguma condição de se levantar ou procurar um emprego e dependem exclusivamente de cada um de seus filhos, afinal, são os pais do pai e da mãe de Charlie, para sobreviverem.

Figura 3. Os avós de Charlie em *A fantástica fábrica de chocolate* (2005).



Fonte: Burton, 2005.

No caso deles, Tim Burton emula muito bem a composição estética da precariedade própria de uma família (tentando) sobreviver às condições desoladoras de um país sofrendo uma recessão econômica. A lareira minúscula e pouco alimentada da família é um sinal da provável falta de carvão para alimentá-las; as roupas com aparência de refugos de segunda mão; as cores sóbrias e sombrias, em que o preto prevalece. Fora que o vovô Joe, o avô que acompanha Charlie até a fábrica, explica como era o paraíso trabalhar para Willy Wonka, em como ele era um bom patrão para os seus funcionários. Até que a espionagem industrial o levou a fechar a fábrica de chocolate para que pudesse se recuperar financeiramente. O fechamento da fábrica de Willy Wonka causou o aumento do índice de desempregados e, conseqüentemente, o avô de Charlie foi um dos demitidos. Por conta do excesso de mão-de-obra qualificada disponível, a idade do vovô Joe foi determinante para que ele não conseguisse se empregar novamente. Por que empregar um idoso, quando se pode empregar alguém mais jovem e mais “competente”?

Como já destacado, a “saúde” e a “juventude” são vistas no Capitalismo como sinais de “vigor”, para que o trabalhador desempenhe plenamente as suas atividades laborais durante a sua juventude e seja “descartado” na velhice. Como visto nas representações estereotipadas, aos idosos são atribuídos signos como “doença”, “cansaço” e “proximidade com a morte”. No caso das três representações aqui exploradas, os personagens idosos são capazes de trabalhar normalmente e são mostrados vez ou outra desempenhando uma função laboral. Nenhuma delas, contudo, escapa de utilizar a faixa etária como um recurso narrativo para tornar o personagem vulnerável e passível de descarte. Mesmo os avós de Charlie, depois do

enriquecimento do neto, voltam a se vestir e a comer bem, mas não por conta deles próprios e sim em razão da boa sorte da criança. No que tange ao Capitalismo, não servem mais como mão-de-obra capacitada, por mais disponíveis que estejam.

5 O *BODY HORROR* NOS MANGÁS COMO UM RECURSO DISCURSIVO

Antes de nos aprofundarmos sobre as características que tornam o *body horror* um tropo tão marcante para os mangás de horror, é necessário elucidar algumas questões sobre a origem desse subgênero. Como visto em Marcelino (2022), com o surgimento das revistas *pulp*¹⁷ em 1920, os quadrinhos adotaram um padrão de vilões sádicos e cenas de tortura que se tornou popular ao longo dos anos. Em 1950, com o sucesso da série *Tales from the Crypt* (1950-1955), publicada nos Estados Unidos pela editora *EC Comics*, as histórias de horror tiveram um aumento em sua difusão ao redor do globo. No Japão, com o fim da Segunda Guerra Mundial, os mangás voltaram a ser produzidos e, com eles, o gênero adquiriu um novo significado.

Para La Marca (2024), o início da história do gênero de *horror* na literatura japonesa se dá ainda com a definição do substantivo “horror” (ホラー) para a língua japonesa *horā*, assim como pelo período histórico no qual tal termo se espalhou pelo arquipélago. Foi apenas no final dos anos 1960 que o termo “horror” começou a circular na imprensa e na linguagem cotidiana, com progressivo aumento ante uma inesperada popularidade. O autor elucida que, antes disso, outros termos eram utilizados para representar esse subgênero, como “mistério”, “terror” e “assustador”.

No Japão, o “horror” como gênero foi várias vezes dividido em, conforme La Marca (2024), *dois macro-universos narrativos*, distintos por duas palavras-chave: a primeira, *kaidan* (怪談), é um termo que pode ser traduzido como “histórias de fantasmas, contos de horror”; já o segundo, *kaiki* (怪奇), é utilizado como um adjetivo, que significa “misterioso, extraordinário, sobrenatural”. O autor evidencia que esses termos apareciam regularmente em mangás e títulos de revistas, até mesmo como subtítulos de alguns trabalhos, ou mesmo como títulos de algumas séries de revistas em quadrinhos, o que destaca a relevância do subgênero para o período.

Conforme elucidado por Yoshihiro (1996 *apud* La Marca, 2024), a popularização do gênero do horror foi decorrente da criação e expansão das chamadas *kashihon'ya* (貸本屋), as livrarias onde os fãs poderiam pegar livros,

¹⁷ “*Pulp*, *pulp fiction* e revista *pulp* são nomes dados a partir do início de 1900 às revistas feitas com papel barato.” **Revista Pulp**. Wikipédia. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_pulp >. Acesso em: 15 fev. 25.

revistas e mangás emprestados, assim como adquiri-los por valores baixos, “populares”. O comércio de empréstimo de livros, para La Marca (2024), se desenvolveu em consonância com a publicação de mangás em revistas, pois já era um mercado que se desenvolvia no período pós-guerra. Os mangás mais populares nesse período, portanto, eram os de temática relacionados ao “mistério” e ao “sobrenatural”, conhecidos como *Kage* (影). Foi apenas em 1958, no entanto, que o Japão testemunhou a publicação da primeira revista voltada exclusivamente para os gêneros de “horror”, “medo” e “mistério”.

Para Yonezawa (1991 *apud* La Marca, 2024), no início dos anos 1960, com o “nascimento” e popularização das revistas semanais, houve um aumento das publicações de histórias com temáticas de “horror” e “medo”. Com a respectiva diversificação e multiplicação das categorias de horror no mangá, ocorreu uma subsequente, e relativamente natural, modificação do público alvo alcançado com tais temas. Ao invés do apelo ser voltado para crianças e adolescentes, os mangás passaram a ser consumidos por adultos. E, dentre os adultos, havia um público feminino cativo que consumia as publicações de forma expressiva.

La Marca (2024) evidencia que, nesse período, as revistas voltadas para crianças e adolescentes de ambos os sexos estavam publicando histórias de terror com frequência. Entre os autores populares do período, destacam-se os nomes de Mizuki Shigeru (1922-2015), Umezu Kazuo (1936-2024) e Watanabe Masako (1929). Considerados a “excelência do gênero”, tais artistas desenvolveram um alto padrão artístico que os conduziram ao cânone ainda em vida. Marcelino (2022) inclui nessa lista autores recentes, como Shintaro Kago (1969), Suehiro Maruo (1956), Kanako Inuki (1958) e Junji-Ito (1963), que adquiriram popularidade e reconhecimento nos anos 1990 e se tornaram clássicos contemporâneos.

Desse modo, compreende-se que esses autores contribuíram para que o gênero de horror no mangá se desenvolvesse com características específicas e determinantes. Para La Marca (2024, p. 10, destaque nosso), “o mangá de horror com frequência estabelece uma característica dupla, a partir do contraste de elementos: real e sobrenatural, *juventude e velhice, beleza e feiura*”. Logo, podemos pontuar a discrepância estabelecida nas características físicas de “mocinhos” e “vilões” como forma de evidenciar o seu caráter, os valores ideológicos que estabelecem aquele sujeito. O autor complementa que a “beleza” do protagonista estabelece o contraste com a “feiura” dos vilões; com frequência são utilizadas figuras que consideradas ou

“vítimas da sociedade” ou algum resultado de experiências científicas que os tornam irreconhecíveis ou repulsivos.

Para Cruz (2012), o *body horror* configura um tropo, dentro do gênero de horror, que evidencia frequentemente as gráficas violações às quais o corpo humano está suscetível, através de imagens escatológicas construídas em narrativas com o propósito de provocar um medo interno específico, que reside em cada ser humano. O autor explica que o tropo pode, também, ser chamado de *horror biológico*, tendo em vista a sua característica principal de “manipulação e deformação do estado normal da forma ou função corporal”¹⁸ (Cruz, 2012, p. 2). As obras que utilizam o *body horror* como um recurso narrativo “brincam”, portanto, não com o instintivo e humano medo da morte, mas, sim, com o inconsciente medo humano do potencial destrutivo do seu próprio corpo. O corpo humano, aparentemente tão resistente, é frágil e débil ante as maquinações diabólicas do ódio.

Kago (2020) utiliza os seus traços mais bizarros para transmitir as múltiplas deformações que acontecem no rosto humano ao demonstrar sentimentos. A sensibilidade do mangaká em traduzir as emoções dos personagens por meio de desenhos gráficos marca a sua preocupação com a semiótica gestual, definida por Greimas (1982) como elementar para os estudos estruturalistas. O ser humano se comunica primeiramente com o seu corpo; um gesto pode ser interpretado de múltiplas maneiras, a depender do contexto.

Como exemplificação, apresentamos uma das primeiras cenas com *gore* da antologia. No “capítulo um”, Yukie se machuca durante o seu primeiro dia cuidando de Eiko, uma das clientes mais difíceis da Green Net. Ao cair sobre cacos de vidro, Yukie perfura a mão, como se vê na **figura 4**. Kago (2020), então, escolhe por posicioná-la segurando a mão para cima, com olhos arregalados, para que o leitor possa ver a extensão dos seus machucados. A semiótica gestual aqui presente tem um objetivo simples: transmitir a dor da personagem por meio da empatia desperta no leitor ao testemunhar a mutilação sofrida por ela. A mão, que parece laminada pelos cacos de vidro, é um recurso utilizado pelo mangaká para despertar no leitor a estranheza peculiar da dor de Yukie. Assim como nós, Yukie também está assustada ao ver a sua mão dilacerada.

¹⁸ Manipulation and warping of the normal state of bodily form and function. (tradução nossa)

Figura 4. Kago (2020) utiliza o *body horror* como um recurso discursivo em *Dementia 21*.



Fonte: Kago, 2020.

Quando, no “capítulo dois”, o leitor tem mais contato com a mulher que odeia Yukie, que é a verdadeira responsável por todo o “azar” que Yukie vem sofrendo, testemunhamos mais uma vez a semiótica gestual presente no traço de Kago (2020). Em um determinado momento, quando descobre que Sakai está se saindo bem com os clientes “espinhosos”, a mulher ainda sem nome expressa: “que ela morra de tanto trabalhar” (Kago, 2020, p. 28), conforme visto na **figura 5**. Tal desejo é comum entre pessoas que ocupam cargos de chefia ou liderança. As diferenças inerentes entre hierarquias trabalhistas impulsionam aqueles que estão em funções de liderança a oprimir aqueles que são subordinados a ele. Os funcionários com cargos de pouca importância também acabam reproduzindo falas problemáticas, que corroboram a opressão estrutural de classe, afinal, já dizia Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1968), que, “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”.

Figura 5. A vingativa rival de Yukie Sakai em *Dementia 21* (2020).



Fonte: Kago, 2020.

Nesse momento, a mulher que odeia Yukie se deforma ao verbalizar o seu desejo profundo. Kago (2020) decide representá-la com as feições deformadas, olhos arregalados e estrábicos, mãos abertas em uma pose “vilanesca” típica. O desenho tem uma proporção grotesca, porque os sentimentos emitidos por essa mulher invejosa são mais do que abjetos; são asquerosos. O mangaká, então, exprime a imoralidade dos seus personagens por meio desses detalhes que adicionam estranheza o suficiente para enquadrá-los no “Vale da Estranheza”¹⁹. Como visto na **figura 6**, em que uma das idosas é representada de maneira bizarra e caricatural, esse é apenas um exemplo da sua arte.

Figura 6. Os idosos são representados em *Dementia 21* (2020) como criaturas monstruosas, antinaturais.



Fonte: Kago, 2020.

Não são apenas os vilões, contudo, que carregam esses traços “deformados”. Yukie e os idosos ganham também suas próprias versões bizarras, sempre que sofrem ou se encontram em situações desconfortáveis ou absurdas. O mangaká representa o que há de pior e mais perverso do ser humano em caretas e esgares que distanciam a empatia do leitor. Afinal, o monstruoso não é atraente o suficiente. É repulsivo. Ao incluir a protagonista, supostamente idônea e correta, e os idosos, que deveriam ser as vítimas do sistema, em sua lista de monstros “cronenberguianos”²⁰, Kago (2020) desmistifica as deduções sobre a incontestável

¹⁹ Conceito aplicado a imagens que lembram itens comuns ao imaginário popular humano, mas com elementos que as tornam antinaturais ou grotescas.

²⁰ Neologismo comum para se referir às criaturas, pertencentes ao Vale da Estranheza, comuns aos filmes do diretor de cinema David Cronenberg.

moralidade de indivíduos elencados como mártires do sistema. Por mais que as pessoas sejam vulneráveis à crueldade inerente ao capitalismo, isso não as inibe de cometer crimes, como veremos mais adiante na seção da análise. Ainda que existam injustiças, não existem injustiçados.

5.1 Subjetividade fragmentada: o diálogo entre simbologia e representação nas capas dos capítulos de *Dementia 21* (2020)

Em *Dementia 21* (2020), Shintaro Kago utiliza do *body horror* como uma alegoria na construção da subjetividade dos seus personagens, assim como recurso discursivo por meio das imagens escolhidas por ele para representá-los. Como um exemplo mais objetivo, estão as capas que antecedem os capítulos que dividem a obra de Kago (2020). Como analisaremos nesta subseção, as capas sempre têm uma coisa em comum: a figura de Yukie Sakai centralizada, perdida no meio de formas geométricas que causam efeitos visuais similares aos de representação dos efeitos psicodélicos ou perspectivas de personagens sob o efeito de substâncias químicas, como remédios ou entorpecentes.

Nesse caso, Kago (2020) explora a psique sensibilizada de um idoso acometido por doenças degenerativas, como glaucoma, AVC²¹, *Alzheimer* ou *ELA*²²; não que essas doenças não possam acometer pessoas jovens também, mas elas são normalmente associadas a um público-alvo mais velho, fragilizado após uma vida plena. O mangaká decide explorar essa degeneração mental por meio de ilusões de ótica na capa de dois capítulos específicos. O autor utiliza de distorções e sobreposições de figuras geométricas para criar uma confusão visual similar àquela sofrida por pessoas idosas quando acometidas por algum desequilíbrio cerebral.

Dessa forma, na capa do “capítulo dois”, como se vê na **figura 7**, Sakai observa assustada enquanto pequenas versões dela saltam do seu cérebro aberto. A imagem beira ao surrealismo, mas propositalmente: a possibilidade de pequenos seres humanos saírem de uma cabeça aberta são nulas, é claro. Portanto, o que essa imagem vem a representar? No mangá, ao longo do “capítulo dois”, Yukie precisa

²¹ O **Acidente Vascular Cerebral** (AVC) acontece quando vasos que levam sangue ao cérebro entopem ou se rompem, provocando a paralisia da área cerebral que ficou sem circulação sanguínea.

²² A **Esclerose Lateral Amiotrófica** (ELA) é uma doença neurodegenerativa que causa paralisia motora progressiva e irreversível. Ela afeta o sistema nervoso, causando o desgaste dos neurônios motores.

resolver um problema de “multiplicação de idosos”. Nesse caso, o cliente contratou Sakai para que ela cuidasse “apenas” de três irmãs idosas. De alguma forma, esse número aumentou exponencialmente ao longo dos dias em que Yukie permaneceu atendendo as irmãs. Logo, compreende-se que o mangaká utilizou da construção da imagem para dar um pequeno *spoiler* sobre quais seriam os acontecimentos que norteariam o capítulo. Consequentemente, acontece como anunciado: Yukie “perde a cabeça” quando percebe que não conseguirá cuidar de tantos idosos ao mesmo tempo.

Figura 7. Capa do capítulo 2 do volume 1 de *Dementia 21* (2020).



Fonte: Kago, 2020.

Desse modo, a ilustração demonstra o quanto Yukie foi perturbada pelo fato de não conseguir desempenhar a sua função de forma apropriada, tendo em vista que um único cuidador, por mais dedicado que seja, não conseguirá atender a muitos pacientes, simultaneamente, com particular atenção. A principal característica surrealista contida na imagem, contudo, é a “superlotação” na cabeça de Yukie. Ao invés de apenas uma personalidade, ela luta com o excesso de versões de si mesma que disputam pelo espaço limitado e pela primazia. A “cabeça” de Yukie está aberta porque, o que é debatido para além do *body horror*, é a fragilidade da subjetividade tanto de idosos quanto de cuidadores no contexto do capitalismo tardio. Diferente do

caso dos heterônimos de Fernando Pessoa, a aglomeração no cérebro de Yukie não passa de uma grande analogia para a superpopulação de idosos ao redor do globo, assim como exploraremos mais adiante no presente trabalho. A “cabeça” de Sakai está “cheia” de preocupações com as demandas exigentes de seus clientes e com o temor sobre um provável futuro de desemprego e subsequente pobreza. O signo “pobreza”, em uma sociedade tecnológica pós-moderna, está diretamente associada aos signos como a “fome” e a “miséria”, características consideradas de países subdesenvolvidos e já superadas por países emergentes. No caso, a “fome” e a “miséria” não são apenas para ela, Yukie, como também para os idosos.

Já no “capítulo três”, a capa é ainda mais surrealista. Como pode ser visto na **figura 8**, o rosto de Yukie se desfaz como uma máscara e, de dentro da sua cabeça, sai uma nova versão dela, em miniatura. O corpo maior de Yukie observa a cena espantado, as mãos abertas em apreensão com a imagem da figura pequena escorregando de dentro de si mesma. Como o leitor descobre nas primeiras páginas do capítulo três, o enredo é centralizado no complexo diagnóstico de *Alzheimer* de uma das clientes de Yukie. Nesse “conto” em específico, no entanto, o *Alzheimer* da idosa se desenvolve de uma maneira curiosa: do que ela se esquece, desaparece. Assim, como em um passe de mágica.

Figura 8. Capa do capítulo 3 do volume 1 de *Dementia 21* (2020).



Fonte: Kago, 2020.

Esse é um recurso previamente observado em obras de prosa como *Cién Años de Soledad* (1967), de Gabriel García Márquez, quando Macondo inteira entra

em transe e não consegue mais dormir. Como consequência, a memória da população entra em declínio e eles não conseguem mais se recordar de nada, nem da mais remota palavra para designar as coisas mais simples. De certa forma, o *Alzheimer* se trata exatamente disso, do esquecimento de itens corriqueiros que compõe o cotidiano humano, condição essa que impossibilita uma socialização completa por parte do doente. A forma com que Kago (2020) decide explorar o contexto dessa doença, entretanto, é tão curiosa quanto criativa. Diferentemente da experiência “realista” da patologia, no entanto, que marca majoritariamente apenas o indivíduo que é acometido por ela, nos desdobramentos do *Alzheimer* “especial” sofrido pela personagem de Kago (2020), *toda a população mundial* é passível de tornar-se vítima de um esquecimento “acidental” por parte da mulher. Caso ela esqueça da palavra “lata”, por exemplo, as latas do mundo inteiro deixam de existir a partir daquele momento. E o mesmo acontece com itens, pessoas e momentos históricos.

Dessa forma, compreende-se que a capa deseja exprimir a observação da nova pessoa que um paciente de *Alzheimer* se torna à medida que a doença evolui para as pessoas que os cercam. A versão grande de Yukie estende as mãos como se prestes a segurar a versão pequena que sai de dentro dela; o amparo prestado pelas mãos de Yukie é o equivalente à atenção redobrada que os familiares de pessoas com *Alzheimer* passam a manter, principalmente pela possível evolução acelerada do quadro. À medida que o tempo passa, o paciente torna-se cada vez mais vulnerável, porque esquece palavras, rostos, até a progressão final da doença, em que as células esquecem os comandos mais fundamentais para manutenção do corpo humano.

A nova versão de Sakai é pequena, portanto, para estabelecer a conexão entre o momento de vulnerabilidade específica do paciente com *Alzheimer*, cujos cuidados se assemelham àqueles dedicados a uma criança inexperiente, com a contínua diminuição de atividade cerebral decorrente da doença. A deterioração mental torna o paciente dependente dos cuidados de terceiros. Em um mundo ideal, os familiares sempre estarão próximos do idoso, contribuindo com o seu bem-estar; mas, apesar dos nossos pensamentos mais positivos, a “realidade” quase nunca é assim. Assim, os cuidadores, muitas vezes, se tornam as pessoas mais próximas desses pacientes abandonados, tornando, assim, a última das relações uma mera transação comercial.

6 ENVELHECIMENTO E A PROTEÇÃO AO IDOSO EM *DEMENTIA 21* (2020), DE SHINTARO KAGO: O *BODY HORROR* COMO DENÚNCIA

Dementia 21 (2020) estabelece um diálogo entre a aceleração do envelhecimento populacional, e a consequente exploração da mão-de-obra jovem e inexperiente, por meio da utilização do *body horror* como um recurso de denúncia. Podemos observar, desde o título da obra, como Kago (2020) problematiza a questão de uma perspectiva transgressora e maximalista. O título da antologia, *dementia*, tem origem latina e significa “demência”. Como já pontuado anteriormente, uma das características determinantes para a representação da velhice em narrativas é a acentuação do declínio físico e mental na construção do personagem. Uma das doenças mais comuns nessa faixa etária específica é a demência. Logo, Kago (2020) pontua que o escopo de sua obra é explorar os desdobramentos significativos que ocorrem nesse período complexo do desenvolvimento humano.

Desse modo, a inclusão do “21” no título nada mais é do que uma referência ao século em que a obra é ambientada, o século XXI. Destacamos, no entanto, que a delimitação do século da narrativa é arbitrária e intencional por parte de Kago (2020). Ainda que os idosos não tenham nascido nesse século, o estabelecimento de que as narrativas, por mais futuristas que pareçam, são ambientadas em uma data próxima a que vivemos, é a sugestão de que tais tendências, ainda que fascistas e reacionárias, estão mais próximas de nossa realidade do que podemos imaginar. O autor pretende estabelecer, dessa forma, que as críticas fomentadas em sua obra são ao presente opressivo que nos massacra, como será melhor evidenciado na análise a seguir.

6.1 Análise das estruturas fundamentais

Por fins meramente epistemológicos, salientamos que a designação *etarista* é aqui utilizada como forma de agrupar comportamentos excludentes, impetrados no inconsciente coletivo das gerações já afetadas pela tecnologia a um nível psicossocial. Os velhos nunca foram mais velhos e a perspectiva de integração digital e inclusão dessa classe marginalizada, a dos idosos, é considerado uma resposta aos índices decrescentes de nascimentos ao redor do mundo. Com o pouco interesse de mulheres e pessoas com útero pela gravidez, e pela maternidade de uma forma geral, a

perspectiva de perpetuação da espécie não parece nada fácil para as futuras gerações.

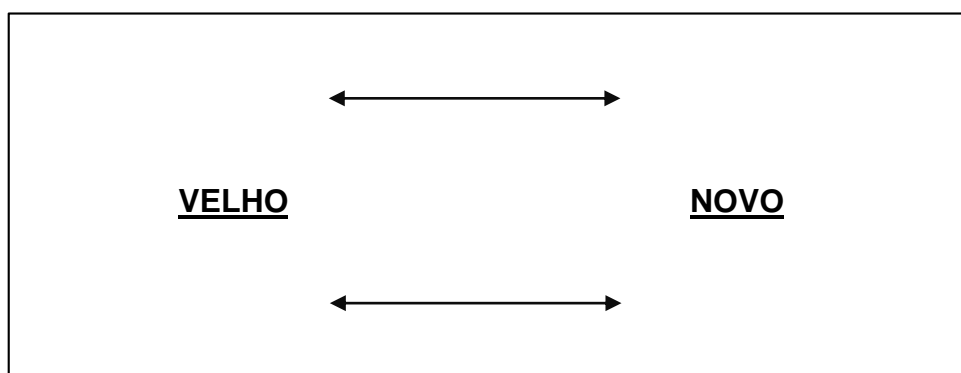
Dessa forma, o *velho* precisa ser ressignificado. As representações de velhice que são privilegiadas no cinema, por exemplo, ainda correspondem a certa *rendição* ao cansaço, ou ao tédio, por parte dos personagens mais velhos, idosos ou os que já se aproximam dessa fase, por uma tendência ao estímulo pela aposentadoria, vista no passado como um direito que deveria ser assegurado ao trabalhador. Utilizamos o verbo “deveria” levando-se em consideração as reformas trabalhistas implementadas nos últimos dez anos no Brasil, que certamente não refletem preocupação alguma por parte do governo executivo com o envelhecimento de seus trabalhadores. Voltando ao aspecto ficcional e puramente representativo, observamos que, em obras produzidas na segunda década dos anos 2000 (2011-2020), é comum a presença de representações *transgressoras* desses *velhos*. Como Lima (2016) enfatiza, o capitalismo considera os idosos que não tem valor para a sociedade, como indivíduos de idade mais avançada, ultrapassados, portanto, como demais grupos também indesejados, como desempregados, pobres, pretos, deficientes, membros da comunidade LGBTQIA+, ou qualquer outra pessoa que não se adeque aos padrões normativos sociais. Não há um reflexo, por parte das entidades públicas, que assegure a sobrevivência dessas pessoas desassistidas pelo poder público e, claro, por suas famílias desestruturadas pelo capitalismo.

Por mais que a designação, e sem a, *idoso*, possa parecer mais apropriado, tendo em vista que consideramos o termo um reflexo da experiência inerente à geração, não é essa a concepção capitalista que buscamos analisar. Ainda em 2018, quando a obra foi publicada originalmente, a concepção mantida pelo mercado de trabalho partia de uma preferência por uma faixa etária de trabalhadores de meia idade que misturariam conhecimento teórico e prático com suposta maestria. Desse modo, se evitariam os *novos* demais e os *velhos* demais. Enquanto que o arquétipo do *velho* existe há muito tempo, a concepção da terceira idade como a “melhor idade” é relativamente recente e busca valorizar essa geração de pessoas que paulatinamente vai sendo excluída dos espaços sociais à medida que envelhece. Como em tudo sob o seu domínio, o Capitalismo encontrou um jeito de se apropriar dessa tendência cultural, voltando-a para o mundo do trabalho. Essa conjuntura, no entanto, se constrói enquanto a pesquisa se desenvolve. Poderemos constatar as suas verdadeiras consequências em alguns anos.

Na contramão, as gerações mais jovens, como a Z ou a Alpha, se confrontam com o desequilíbrio de oportunidade de ingresso no mercado de trabalho; são os únicos que refletem profundamente sobre as Mudanças Climáticas e as suas consequências a médio e longo prazo; tornam-se responsáveis pelos cuidados com a população envelhecida e precisam se desdobrar para corresponder a um padrão de vida construído ao longo das últimas décadas, que misturam necessidades básicas com expectativas tecnológicas. De certa forma, as novas gerações foram impactadas pelas novas formas de consumo praticadas no capitalismo tardio; assim como são eles que são mais impactados com as desigualdades do mercado de trabalho, ainda que representem o futuro da força de trabalho mundial.

Logo, compreendemos que a *oposição básica mínima* em *Dementia 21* (2020) é representada com os semas s_1 *velho* e s_2 *novo*, mas não a partir do critério da idade dos sujeitos; sim, no entanto, por causa da concepção intergeracional de *velhas* gerações em contraste com *novas* gerações. Como proposto por Greimas (1982), como forma de obter os resultados das estruturas fundamentais, o pesquisador estruturará o *Quadrado Semiótico* com os semas selecionados na obra, começando com a polarização principal de s_1 *velho* e s_2 *novo*, conforme se vê no **quadro 1**.

Quadro 1. Relação de oposição em *Dementia 21* (2020).



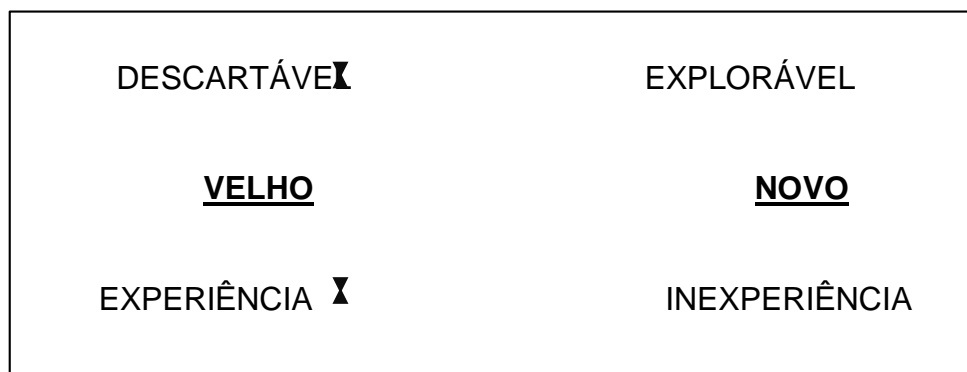
Fonte: Dados da Pesquisa, 2025.

No que se trata das relações de contrariedade, como apontado por Barros (2005), são estabelecidas por meio das intenções ideológicas presentes na narrativa, não necessariamente verbalizados pelos personagens, mas vivido e experimentado por eles. Yukie, por exemplo, nunca diria que é *explorada*, mas, para qualquer leitor

da obra, essa é a impressão permanente sobre as inúmeras sagas impossíveis nas quais se envolve em busca de uma “avaliação 05 estrelas” para recuperar a sua reputação anteriormente irretocável. Como a sua perspectiva está comprometida, já distorcida em razão da conjuntura distópica da sociedade em que se vive, Yukie não consegue se dissociar desses comportamentos tóxicos e autodestrutivos, pois tem uma carreira para manter e preservar.

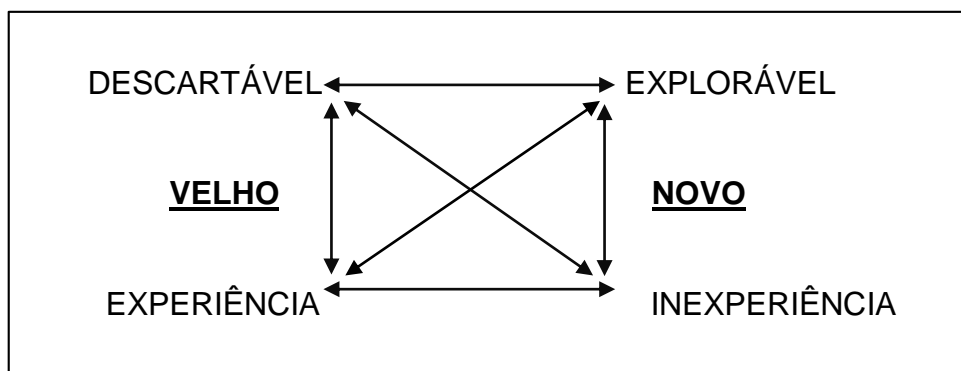
Afinal, em uma sociedade voltada para o mundo do trabalho, há uma cobrança para uma performance extraordinária, sobrehumana, por parte dos seus trabalhadores. Por isso, os sobrecarrega até a exaustão, pois a vida deve ser centralizada no trabalho e nada mais. Podemos incluir, portanto, nas relações de contrariedade os semas s_3 *descartável* para a polaridade s_1 *velho* e s_4 *explorável* para a polaridade s_2 *novo*, como se vê no **quadro 2**.

Quadro 2. Relações de contradição em *Dementia 21* (2020).



Fonte: Dados da Pesquisa, 2025.

No que trata do estabelecimento das relações de complementaridade, o conceito também deve representar a contradição da outra polaridade, como apresentaremos a seguir. Iniciaremos o posicionamento dos semas a partir do sema s_4 *explorável*; assim como as gerações mais jovens são suscetíveis à exploração, a principal justificativa para esse fenômeno é a sua in experiência. Como complementaridade para explorável, posicionamentos s_5 *in experiência*. Logo, do lado oposto, no que tange à polaridade s_1 *velho*, já posicionamos s_3 *descartável* anteriormente; como contrariedade para in experiência, portanto, podemos incluir s_6 *experiência*, porque consideramos que é essa a principal crítica presente no texto de Kago (2020), como evidencia-se no *Quadrado Semiótico* visto abaixo.

Quadro 3. Quadrado Semiótico de *Dementia 21* (2020).

Fonte: Dados da Pesquisa.

Pontuamos, dessa forma, que *Dementia 21* (2020) critica o comportamento excludente adotado pelo Capitalismo no tratamento de idosos no mercado de trabalho, assim como a exploração dos jovens em razão de sua inexperiência. Uma tensão resultante da construção do quadrado semiótico, no entanto, e que é melhor visualizada a partir da estruturação do quadrado, são as relações de contradição mantidas pelo enunciado, ainda que facilmente previstas pelo desenrolar da narrativa.

Nas relações de contradição, a *s5 inexperiência* é contrária ao que é *s3 descartável*; ou seja, em um mundo voltado para as relações de trabalho é praticamente impossível que uma pessoa jovem permaneça desempregada. Não que o processo seja fácil; pelo contrário, as etapas de um seletivo, seja público ou seja privado, são massacrantes. O mercado de trabalho, porém, prioriza uma pessoa jovem a uma pessoa velha. A relação de contradição oposta é ainda mais interessante.

Trata-se de um paradoxo recentemente discutido no Twitter: um usuário perspicaz pontuou, que, em suas palavras, “se você é pau para toda obra, *toda hora vai ter obra*”. De um jeito bem-humorado, o internauta abordou uma tensão comum nas relações trabalhistas, muito presentes em *Dementia 21* (2020): como estabelecido no quadrado semiótico, o caráter de *s4 explorável* é contrário à *s6 experiência*. Ou seja, obtemos dessa tensão que a fase exploratória do mundo trabalhista se destaca principalmente quando o sujeito não consegue resistir à opressão. Ao longo do tempo, o trabalhador consegue organizar mecanismos que o auxiliem a consolidar a sua experiência, tornando-se valioso para o sistema. A experiência torna o trabalhador

mais atento aos seus direitos trabalhistas, como forma de avaliar se está sendo ou não explorado para além das possibilidades de seu cargo.

Experiente e capacitado, um trabalhador é praticamente inestimável para o sistema. Não que isso seja um recurso explorado pelo sistema para *valorizar* o trabalhador de alguma forma. É inegável que o sistema preferiria um trabalhador experiente a outro, inexperiente; conforme já apresentado na presente pesquisa, existe uma força de trabalho extra, ainda que inexperiente, passível de ser convocada para o exercício da profissão a qualquer momento. Essa possibilidade estabelece uma ameaça para o trabalhador experiente, pois ele sente que, caso não der tudo de si, pode perder a sua vaga para uma pessoa mais jovem e inexperiente.

Por que a taxa de desemprego seria zerada quando existem tantas “boas” razões para manter alguns indivíduos em pânico suscetíveis a uma rápida convocação? Há vários internautas furiosos, utilizando fóruns de forma anônima, para reclamar sobre as “exigências” da Geração Z, ao mesmo tempo em que esse é o público mais afetado pelo desequilíbrio no mundo do trabalho. As condições trabalhistas são tão desiguais que se exige experiência para uma pessoa em busca do seu primeiro emprego. Consequentemente, esses jovens se submetem a qualquer situação para manter o seu emprego. É nas relações de contradição, logo, que se percebem as principais tensões presentes no cerne ideológico de *Dementia 21* (2020), pois critica os níveis profundos que interligam as relações trabalhistas estabelecidas e vividas na pós-modernidade.

6.2 Análise das estruturas narrativas

Como já estabelecido, Yukie é a protagonista indiscutível das narrativas, pois é nela que se concentram os valores positivos da obra; ainda que o fato de ser “explorável em sua inexperiência” não pareça “positivo” para o trabalhador, é considerado assim pela perspectiva realista capitalista, que é a explorada na pesquisa. O leitor mais atento pontuará, no entanto, que Yukie é “hipergabaritada por muitas razões além do seu currículo, como o seu excelente gerenciamento de crise e capacidade de diálogo. Defendemos, entretanto, pela clareza deixada desde o início da pesquisa que, ainda sendo os termos cumulativos, eles não são intercambiáveis. “Ser qualificado” é uma exigência básica para o mundo do trabalho, caso contrário o “candidato” nunca se tornará um “funcionário”. Ser experiente, contudo, é o que

aumentará as suas chances de se conseguir um emprego; é um extra mediante outros currículos menos ou igualmente qualificados. É a diferença entre ser aprovado ou não em um processo seletivo ou concurso público. Logo, é o conhecimento teórico de Yukie que a torna tão forte em sua luta contra o sistema. Afinal, ela sabe como utilizar as suas artimanhas para burlar os mecanismos opressores que tentam eliminar os idosos. Ela apenas precisa de um argumento para colocar muitas teorias em prática.

Dessa maneira, podemos pontuar Yukie como o *sujeito-enunciatário*, já que as narrativas se desenvolvem ao seu redor e são resolvidas por ela; Yukie não ocupa posição de destinatário, pois é o seu “espírito livre” que a torna tão transgressora e subversiva. Agora, ela desempenha papel de *destinadora*, vez ou outra, quando precisa evidenciar a sua índole irretocável pelo contraste com os familiares menos do que interessados com o bem-estar dos “velhinhos”; outras vezes, são os próprios idosos que a perseguem ao ponto do homicídio. Essa conclusão nos encaminha para a dedução de que o mundo representa um risco para Sakai, já que ela não pode confiar em ninguém. Velhos ou novos, os indivíduos tendem a desejar o mal para Yukie. Isso porque são criaturas descartáveis, diferentes de Yukie.

Dessa forma, destacamos a qualidade *enunciativa* na performance de Yukie por ser ela a identificar a problemática que envolve a vida dos idosos e sobra para ela a difícil responsabilidade de resolvê-los. Como bem elucidou Lima (2016), os relacionamentos intergeracionais são principalmente pautados pelo cuidado e carinho, levando-se em consideração que a decisão de se responsabilizar por alguém não é fácil, quando se enumeram fatores extensivos que dificultam a vida de idosos e seus familiares. Por isso, Yukie é regida pela modalização do *dever*, afinal, considera ser sua a responsabilidade plena para com os idosos.

Por meio dessa modalização, Sakai é impelida a exigir de seus clientes o comportamento minimamente humano e com bom-senso, consciência essa que se cobra de pessoas comuns na pós-modernidade. Cada narrativa, portanto, tem a sua própria construção semiótica que obedece a uma rigorosa estipulação prévia pelo narrador. Os idosos, desse modo, são *destinatários* das modalizações propostas por Yukie para melhorar ou mudar a vida deles.

6.3 Análise das estruturas discursivas

narrador, é voltada para clientes que priorizam um atendimento personalizado a domicílio para os seus familiares. Com o lema “desfrute da sua melhor idade no conforto de seu lar, doce lar” (idem), a Green Net mantém a sua reputação a partir de um criterioso *ranking*, cujo uma única avaliação negativa é responsável por abaixar a média da funcionária em questão — uma situação em que podemos observar plenamente o funcionamento do realismo capitalista. Como explicado, essa avaliação negativa resulta em desconto no salário e revogação da bonificação da funcionária. Ou seja, a empresa trata o funcionário como descartável.

Yukie, então, para recuperar o prestígio “perdido” em razão da denúncia feita contra ela, decide aceitar qualquer cliente, por mais difícil que seja. É relevante elucidar que o enunciado não faz nenhuma questão de esclarecer a procedência e os porquês da denúncia, apenas a sua punição. Afinal, é assim como funciona o capitalismo. A tal “cliente difícil” do “capítulo um” é Eiko Koike, que tem 85 anos e é considerada uma das idosas mais complicadas de se lidar. Surpreendentemente, a idosa não consegue se locomover e realizar a mais básica atividade física representa um desafio. A casa de Eiko inicialmente parece assombrada, no entanto. Inúmeras cuidadoras faleceram anteriormente de forma misteriosa e inexplicável em sua casa. Uma dessas cuidadoras supostamente disse, antes de morrer, “foi aquela coisa... de noite... Aquela coisa me empurrou da escada” (Kago, 2022, p. 14), sugerindo que uma entidade maligna é a responsável pelos desaparecimentos. Yukie, é claro, é também perseguida por uma série de acidentes contínuos e seguidos, mas, como ela mesma se lembra, “se eu desistir, não conseguirei uma boa avaliação da cliente” (Kago, 2022, p. 15). Logo, levando-se em consideração que Yukie precisa do emprego para sobreviver em uma sociedade extremamente competitiva, compreende-se que ela faria de tudo para proporcionar para a cliente o melhor atendimento possível.

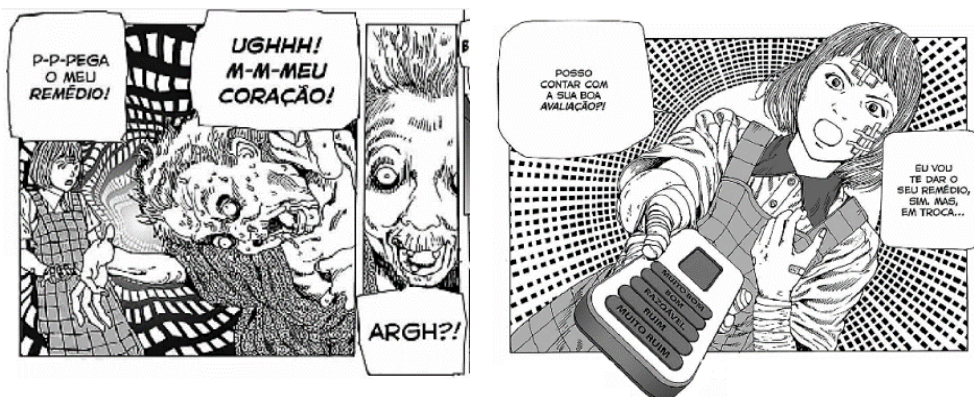
Como uma amostra da boa vontade de Yukie, ao observar os estranhos acontecimentos dos quais é constantemente vítima na casa de sua cliente, ingenuamente a garota decide priorizar as suas atividades laborais à sua segurança, argumentando que, “seja o que for preciso, preciso defender a minha cliente” (Kago, 2022, p. 16). Qual o trabalhador que em seu pior dia não precisou engolir o choro durante o expediente para que satisfizesse o cliente e, conseqüentemente, o patrão? Em cargos voltados para o atendimento direto ao cliente, por exemplo, é muito comum que as demandas extrapolem o nível profissional e afetem o trabalhador a um patamar pessoal. Independentemente do quão complexo seja, no entanto, Yukie, como

qualquer outro trabalhador, “fecha os olhos” para as coincidências que apontam a responsabilidade do Capitalismo pelos seus problemas, porque não há outra solução. Ou é o trabalho, ou o ostracismo.

Contrariando as expectativas de Sakai, no entanto, Eiko Koike não corresponde a nenhuma das representações de envelhecimento que exploramos até agora. Para esclarecer, ela corresponde à antítese do estereótipo do “idoso sábio”. Como evidenciado no trecho, na opinião de Eiko, “cuidadoras têm mais é que ir para o inferno” (Kago, 2022, p. 17). Desse modo, caso o leitor ainda não tenha deduzido, ela é a responsável pela morte das cuidadoras anteriores, sob o argumento de que foi uma mulher como elas que seduziram o seu marido até a morte.

A inovação na representação de Eiko, excluindo-se a atitude extrema de matar alguém, é claro, está justamente na sua construção peculiar e maldosa. Uma assassina implacável e vingativa é uma figura comum para o imaginário popular, mas, quando se trata de uma idosa, as motivações se aprofundam, como também o mérito de realizar uma sequência de assassinatos com uma compleição física comprometida e um estado de saúde menos que perfeito, como se mostra um pouco depois, quando a sua “kryptonita” se torna evidente para Sakai. Como um relógio bem cronometrado, o corpo de Koike exige a sua medicação para a pressão, como visto na **figura 10**. Enfartando levemente, Eiko exige a sua medicação para que possa continuar com a chacina; Yukie, porém, está determinada a não se render.

Figura 10. A negociação entre Eiko e Yukie.



Fonte: Kago, 2020.

Percebendo onde se enfiou, a vingança de Yukie não é apenas fatal, como rápida. A analogia da trabalhadora perseguida por uma cliente homicida é a representação da sobrevivência contínua do trabalhador que está na linha de frente do atendimento ao cliente: plenamente dependente de um *feedback* positivo para comprovar a qualidade do seu serviço e a importância de sua continuidade na empresa. Ao determinar, “eu vou te dar o remédio, sim. Mas, em troca... Posso contar com a sua boa avaliação?” (Kago, 2022, p. 19), Yukie está toda enfaixada e cheia de curativos, como uma prova física da sua dedicação ao serviço. Diferente das outras, ela sobreviveu e obteve a sua avaliação positiva, provando que não é a qualidade do trabalho que está sendo avaliado, mas a capacidade de diálogo e gerenciamento de crise do próprio trabalhador.

Logo, no “capítulo 2”, o qual podemos denominar como “aquele que trata da multiplicação de idosos”, Kago (2020) aprofunda a discussão sobre a taxa de envelhecimento em crescimento, não apenas no Japão, mas em boa parte do mundo, como já apresentado anteriormente. Quando Yukie, portanto, chega na casa do cliente, encontra três idosas embrulhadas em um “futon” cada. Como já vimos anteriormente, cuidar de um só idoso já é desafiador o suficiente. Imagine só cuidar simultaneamente de três idosas com problemas muito específicos? Não apenas parece difícil; de fato, é desafiador.

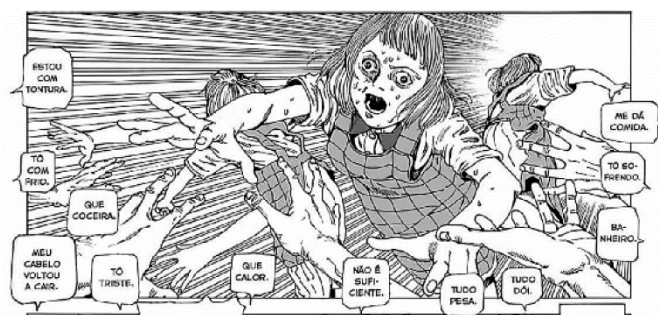
Repentinamente, porém, os idosos começam a se multiplicar. De três, passam para seis. No outro dia, se repete: tornam-se doze. Depois, vinte e quatro. E assim sucessivamente até que a casa se enche de idosos. Quando se torna óbvio o absurdo de uma cuidadora para trinta e seis idosos, a crítica fica mais clara. Por meio da multiplicação de idosos, Kago (2020) estabelece o questionamento: o que será da

sociedade humana pós-moderna se houver mais idosos, considerados inúteis e desprovidos de valor, do que jovens, “força nova” apta para trabalhar? Seria, então, a crise do capitalismo tardio?

O desespero de Yukie ao se deparar com dezenas de idosos para cuidar representa a apreensão dos jovens com a perspectiva futura de cuidar de seus pais, como estes cuidaram de seus avós. O desenvolvimento de tecnologias que prolonguem a perspectiva de vida do ser humano, por meio de medicações ou procedimentos estéticos, são medidas para evitar o envelhecimento, pois essa fase é vista como muito complexa para a subjetividade humana, principalmente pela deterioração motora e corporal. O envelhecimento é visto como a antecipação, a preparação para a morte. Ressignificar essa fase é imprescindível para a inclusão nas atividades corriqueiras da vida.

Dessa forma, a exaustão de Yukie é retratada pela fragmentação do seu rosto como uma louça de porcelana, como visto na **figura 11**. A fragmentação do seu rosto é um reflexo da fragmentação de sua subjetividade. Ao se ver responsável por tantos idosos, com cuidados tão específicos, Sakai se vê desesperada. Um único ser humano nunca conseguiria cuidar de tanto idosos de uma vez. Não da maneira apropriada, pelo menos.

Figura 11. Yukie se fragmenta para cuidar de idosos.



Fonte: Kago, 2020.

Desse modo, pode-se verificar como a sua pele parece cera derretida, coberta de suor, e os seus olhos estão fundos, escuros sob as olheiras. Atrás de Yukie, outras “Yukies” metafóricas voam desnorteadas, sendo jogadas de um lado para o outro pelas mãos raivosas de idosos necessitados de cuidados. Tal perspectiva é um recurso utilizado por Kago (2020) para representar o cansaço extremo de Yukie, que, ainda assim, tenta cuidar devidamente dos idosos. Mais uma vez, Kago (2020) dá uma

atenção ao olhar chocado da cuidadora, que observa a situação com desespero. A analogia ao “olhar das mil jardas”²³, como o olhar dos soldados afetados pelo estresse pós-traumático, denuncia as situações traumáticas vivenciadas diariamente pelos trabalhadores. Ingenuamente, Yukie foi trabalhar no seu inferno pessoal: mais idosos para cuidar do que ela é capaz, como se vê na **figura 12**.

Figura 12. Idosos se multiplicam.



Fonte: Kago, 2020.

Diferente do início do capítulo, quando as idosas pareciam confortáveis e satisfeitas com o tratamento recebido, Sakai já não é capaz de cuidar de tantos idosos ao mesmo tempo e eles começam a reclamar. Dessa forma, a turba já se amontoa como casacos descartados em cima de uma cama, expressando a sua insatisfação com o tratamento abaixo da média. Esse episódio é uma representação de como os profissionais com carreiras voltadas para o cuidado dos idosos são escassos e com um programa de trabalho voltado para o atendimento individual e específico, sendo praticamente impossível que tão poucos cuidadores disponíveis cuidem de tantos pacientes, com necessidades individuais a serem atendidas, espalhados ao redor do mundo. A hipérbole é aqui aplicada para que seja facilmente compreensível para o leitor a crítica contundente a um futuro exclusivo não tão distante.

Um pouco depois de ser informada que não haveria mais ninguém disponível para ajudá-la em uma tarefa tão complexa, Yukie percebe um movimento na janela

²³ Tal expressão linguística se refere à expressão facial característica, vazia e desfocada, de combatentes que se tornaram emocionalmente abalados pelos horrores da guerra. | BARROS, Marcelo. **O olhar das mil jardas: a realidade do estresse pós-traumático na guerra**. 2024. Disponível em: <<https://www.defesaemfoco.com.br/o-olhar-das-mil-jardas-a-realidade-do-estresse-pos-traumatico-na-guerra/>>. Acesso em: 31 jan. 24.

que se volta para a rua. Dois homens carregam uma idosa, prontos para descartá-la dentro da casa do cliente de Sakai. Surpresa, ela questiona o que eles estão fazendo. Destemidos, eles respondem: “ué? Eu ouvi dizer que vocês *adotam* gente de idade, *sem cobrar nada*” (Kago, 2020, p. 31, destaque nosso), conforme se vê na **figura 13**.

Figura 13. Yukie confronta homem que tenta descartar idosa.



Fonte: Kago, 2020.

O termo utilizado pelo tradutor, “adotar”, denota o significado da responsabilidade que se tem com pessoas idosas; o nível de dependência e cuidado de um adulto para com um idoso é bastante similar com aquele depositado na relação de um adulto com uma criança, vulnerável em sua incapacidade e plenamente dependente da atenção de outro indivíduo. O termo também é importante quando se leva em consideração que a responsabilidade plena de um adulto sobre um idoso é consideravelmente *facultativa*. Os adultos normalmente escolhem se tornar os guardiões de seus avós ou pais em idade avançada. Os idosos, então, recebem um tratamento similar ao dedicado a uma criança, com higiene e alimentação observadas atenciosamente por um tutor que se compromete em provê-los hodiernamente.

O absurdo da situação, no entanto, se assemelha com os dramas de idosos abandonados em asilos e casas de repouso, quando perdem a capacidade de cuidarem das próprias necessidades básicas ou são acometidos por doenças debilitantes, como *Parkinson* ou *Alzheimer*, ou quadros degenerativos no geral. Um detalhe da nova de tradução, entretanto, aprofunda o debate da questão. Segundo Sada (2020 *apud* Kago, 2020, p. 31), os japoneses tinham um hábito peculiar de, “em tempos remotos, quando a comida era escassa, era comum as famílias se livrarem de seus velhos abandonando-os nas chamadas *Ubasute-Yama* ou “montanhas de abandonar velhinhos”.

Isso significa, portanto, que os familiares não esperam se responsabilizar por um idoso para quem tudo é mais caro, desde planos de saúde até medicações. Quando abandonam esses idosos nessas instituições, os familiares não refletem sobre os custos desse cuidado específico e muitas vezes são obrigados judicialmente a contribuir com comida e produtos de higiene. É muito comum que esses familiares não estejam dispostos a pagar tais valores, podendo ser uma quantia muito elevada. Estes estão mais preocupados em manter a geração mais nova, mais vulnerável por ser mais subdesenvolvida se comparada a um idoso, que já viveu uma vida plena, e também mais suscetível a gerar um retorno financeiro.

Ainda que a narrativa construa um tom moralista, ao punir os “vilões” e recompensar os “mocinhos”, o enunciado não permite que a narrativa se perca na pieguice, continuamente incluindo uma nova transgressão dessa visão higienista e excludente de “velhice”. O narrador-oculto faz questão de recordar que a obra se trata de uma crítica ao capitalismo, não uma reafirmação ao seu poder aparentemente inexpugnável. Por isso, para o narrador, é tão importante tentar ressignificar as convicções do leitor sobre a “velhice”, incluindo representações peculiares, ainda que “irrealistas”, de pessoas que são excluídas ao ponto de perderem as próprias identidades, desde que, sem identidade, o indivíduo se torna marionete do sistema; fica permanentemente vulnerável as investidas manipulativas do capitalismo.

Nesse processo de mudança de paradigma, em que a aposentadoria se torna um sonho de consumo ainda mais distante para o trabalhador, paulatinamente, se constrói a realidade em que os idosos voltarão a conviver ativamente em sociedade contribuindo diretamente com a manutenção das taxas, burocracias e demandarão maior suporte governamental no que se trata de assegurar um envelhecimento saudável para a população.

Yukie, portanto, representa a exigência de melhores condições de vida e trabalho para quem quer que esteja à frente das demandas trabalhistas, seja hoje ou em um futuro próximo. Yukie representa a renovação das exigências trabalhistas, levando-se em consideração o novo contexto enfrentado por trabalhadores ao redor do mundo. Como novas gerações são as responsáveis pelo cuidado com os idosos, serão elas a determinar o tom dos debates sobre valores morais e experiências coletivas, como a *ecoansiedade*.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito da pesquisa foi o de investigar como *Dementia* 21 (2020) denuncia, por meio dos signos, símbolos e imagens, como o capitalismo se desdobra para eliminar aqueles que considera inferiores ou deslocados, aqueles que o sistema determina como *insuficientes*, como deficientes, neuroatípicos ou pessoas que simplesmente “não servem” para o mundo do trabalho, como reforçado continuamente pelo capitalismo na subjetividade vulnerável da massa. Examinamos, também, como Yukie Sakai, e a sua “hiperprodutividade”, é um reflexo do sistema exploratório, que domina uma geração mais nova de trabalhadores que, enquanto não possuem ampla experiência profissional prática, estão teoricamente “superqualificados”, no contexto do realismo capitalista.

As baixas taxas de fecundidade ao redor do mundo, e a resistência dos idosos a se “atualizarem” quanto às novas tecnologias, por exemplo, conduzem as gerações mais jovens a se responsabilizarem não apenas pela manutenção e gerenciamento doméstico, como também do preenchimento das vagas ociosas pela falta de trabalhadores primários. Sobrecarregados, essa juventude terá que enfrentar graves dilemas morais a modo de sobreviver a um sistema opressor.

A obra claramente discute temas como o crescente envelhecimento populacional, o incentivo brutal pela hiper-produtividade, a competitividade no mercado de trabalho, a rivalidade instigada entre trabalhadores, o valor da mais-valia e como supostamente mensurá-la em uma sociedade cada vez mais gananciosa; e, claro, a marginalização feminina em funções trabalhistas de cuidado, como também o desequilíbrio da suposta “ordem natural”, com as baixas taxas de natalidade. As mulheres não planejam ou priorizam a maternidade pelo alto-custo da criação dos filhos. Essa população sem filhos envelhece e requer de cuidados e atenção de uma mão-de-obra paga. Enfermeiros ou cuidadores tornam-se responsáveis pelo bem-estar desses idosos.

Consequentemente, relações anteriormente pautadas pelos sentimentos de carinho e respeito são substituídas por acordos meramente comerciais, que geram um capital. Como forma de filtrar devidamente os funcionários com melhor desempenho, é criado um *ranking*. As notas são obtidas a partir de uma média de cada atendimento realizado pelo profissional. Porém, os parâmetros para análise são bastante amplos e abstratos. Por exemplo, como o cliente vai discernir entre um

atendimento “5 estrelas” de um “3,5 estrelas”? Sugere-se que essa seja uma medida problemática, pois é arbitrária. Depende exclusivamente da impressão causada pelo funcionário durante o atendimento.

Mesmo que o provável desejo representativo de Kago (2020), ao posicionar os idosos enquanto sujeitos “descartáveis” e aos cuidadores enquanto “explorados”, fosse estabelecer uma crítica aos métodos de opressão performados pelo Capitalismo, por meio de um Estado distópico supostamente extremista; porém, em razão da legislação “anti-trabalhador” votada pelo Congresso e pelo Senado brasileiros, por exemplo, que toma decisões contra o trabalhador, chegando a afetar até mesmo aos trabalhadores aposentados, no ano corrido de 2025 já é uma representação ultrapassada e não correspondente ao ideal de “realidade” mantido meramente para mensurar os ligeiros desdobramentos do presente que chamamos de cotidiano.

Isso significa que se constrói, gradualmente, uma nova estrutura, na qual os idosos são trabalhadores úteis e indispensáveis, assim como qualquer outro. Tornar-se-á comum, dia após dia, mais e mais idosos aderindo novamente ao mercado de trabalho. A longevidade será utilizada como argumento para que as empresas e os concursos públicos aumentem a cota para mais “velhos” trabalhadores. A baixa fecundidade será diretamente combatida com o incentivo ao trabalho para idosos especializados “desocupados”, que dependem exclusivamente de uma renda mensal limitada. Assim, momentaneamente, o problema será resolvido com a substituição de uma mão-de-obra experiente e igualmente mal remunerada, sob o argumento de que a sua idade não é fator o suficiente para que receba um pagamento respectivo à sua experiência.

Compreendemos, portanto, que a “reinserção” de tal mão-de-obra idosa no mercado de trabalho será considerada um reinício de todos os aspectos possíveis e esses trabalhadores voltarão “naturalmente” a uma instância de estágio. Afinal, o capitalismo os considera uma força de trabalho reaproveitada e que não está atualizada conforme as exigências tecnológicas cada vez mais específicas tratadas como demandas prioritárias por empresas. Enquanto isso, no entanto, as gerações mais jovens padecerão da responsabilidade de sustentar o sistema em todas as vias possíveis que atravessem as vidas públicas e privadas da população mundial.

REFERÊNCIAS

- BARINI, Filipe. **Taxas de fecundidade em queda põem em xeque políticas por mais filhos**. 2024. Disponível em:< <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/06/24/taxas-de-fecundidade-em-queda-poem-em-xeque-politicas-por-mais-filhos.ghtml> >. Acesso em: 31 jan. 25.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- BORGES, Carolina de Campos. MAGALHÃES, Andrea Seixas. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. **Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 02, mai./ago., 2011, p. 171-177.
- CAMPOS, Ana Cristina. **IBGE: esperança de vida do brasileiro aumento 31,1 anos desde 1940**. 2020. Disponível em:< <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-11/ibge-esperanca-de-vida-do-brasileiro-aumentou-311-anos-desde-1940>>. Acesso em: 01 fev. 25.
- CASTRO, Amanda. ANTUNES, Larissa. Et al. Representações sociais do envelhecimento e do rejuvenescimento para mulheres que adotam práticas de rejuvenescimento. **Psico**, vol. 47, n. 4, 2016, p. 319-330.
- CRUZ, Ronald Allan Lopez. Mutations and metamorphoses: body horror is a biological horror. **Journal of Popular Film and Television**, v. 1, 2012.
- CYPRESTE, Judite. **Idosos deixam de ser a menor parcela da população e já superam faixa de 15 a 24 anos, diz IBGE**. 2024. Disponível em:< <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2024/08/22/idosos-populacao-jovens.ghtml> >. Acesso em: 31 jan. 25.
- DUARTE, Fernando. **Pela 1ª vez, mundo tem ‘mais avós do que netos’**. 2019. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47799778> >. Acesso em: 31 jan. 25.
- FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: É Mais Fácil Imaginar O Fim Do Mundo Do Que O Fim Do Capitalismo?**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FONTENELLE, Isleide Arruda. **Cultura do consumo: fundamentos e formas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiotics and Language: An Analytical Dictionary**. Bloomington: Indiana University Press, 1982.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. 10. Ed. Belo Horizonte: Ayiné, 2023.
- LA MARCA, Paolo. Horror manga: themes and stylistics of Japanese Horror Comics. **Humanities**, v. 13, n. 8, 2024.
- LEMOES, A. S. Quem é o velho e quem é idoso no capitalismo contemporâneo?: reflexões sobre o envelhecimento. **Em Pauta**, n. 21, n. 53, set./dez., 2023, p. 100-114.
- LIMA, Antônia Pedroso de. O cuidado como elemento de sustentabilidade em situações de cirse: Portugal entre o Estado providência e as relações interpessoais. **Cadernos Pagu**, vol. 46, jan./abr., 2016, p. 79-105.

LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário e a afirmação do romance**: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shady. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

LOURO, Ybsen. LOURO, Yasmine. A GERAÇÃO FEMCEL: MATERNIDADE COMPULSÓRIA E CELIBATO VOLUNTÁRIO EM “QUERIDA KONBIN’ (2019), DE SAYAKA MURATA. In: Nicolas de Oliveira Braga, Anna Ortiz Borges Coelho, Lívia do Amaral, Silva Linck, Jéssica Veleza Quevedo. (Org.). **Gênero, história e literatura**. 1ed. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2024, v. 1, p. 49-68.

LUZ, Solimar. **Taxa de fecundidade no Brasil cai para 1,57 filho por mulher**: IBGE aponta queda acentuada desde 2000. 2024. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2024-08/taxa-de-fecundidade-no-brasil-cai-para-157-filho-por-mulher>>. Acesso em: 31 jan. 25.

KAGO, Shintaro. **Dementia 21**. vol. 1. São Paulo: Todavia, 2020.

MARCELINO, Thierry Bardini. VARGAS, Alexandre Linch. O horror corporal nos mangás de Junji-Ito. **Memorare**, v. 9, n. 1, jan./jun., 2022.

MARX, Karl. **O capital**: livro I. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MINÓ, Nádia Marota. MELLO, Rita Márcia Andrade Vaz de. Representação da velhice: reflexões sobre estereótipo, preconceito e estigmatização. **Oikos**, v. 32, n. 1, 2021, p. 273-298.

REYS, Xavier Aldana. (org.) **Horror**: A Literary History. London: The British Library, 2016.

SEO, Yoonjung. LAU, Chris. **South Korea becomes ‘super-aged’ society, new data shows**. 2024. Disponível em:< <https://edition.cnn.com/2024/12/24/asia/south-korea-super-aged-society-intl-hnk/index.html>>. Acesso em 31 jan. 25.

TEIXEIRA, Rafael. ANDRADE, Vânia Lúcia Pereira de. O idoso na busca por um lugar no mercado de trabalho. **Cadernos de Psicologia**, v. 1, n. 2, ago./dez., 2019, p. 515-535.

WICKERT, Roberto. Envelhecimento na sociedade digital. **Desenvolvimento regional**, v. 1, n. 1, 2019.